

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA
MARIA ULRICH**

**COMO ESTIMULAR A CAPACIDADE DE
CONCENTRAÇÃO EM CRIANÇAS DE 5/6 ANOS?**

Maria Teresa de Noronha e Andrade de Nápoles Sarmento

Relatório Final realizado no âmbito da Área Científica de Prática de Ensino
Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Orientadora Mestre Teresa Meireles

Lisboa

2014

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA
MARIA ULRICH**

**COMO ESTIMULAR A CAPACIDADE DE
CONCENTRAÇÃO EM CRIANÇAS DE 5/6 ANOS?**

Maria Teresa de Noronha e Andrade de Nápoles Sarmento

Relatório Final realizado no âmbito da Área Científica de Prática de Ensino
Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Orientadora Mestre Teresa Meireles

Lisboa

2014

Quero agradecer a Deus pela força que me tem dado e por me ter ajudado a sentir a Sua presença nas alturas que me foram mais difíceis.

Resumo

O presente relatório insere-se no âmbito da Área Científica da Prática do Ensino Supervisionado (PES), do mestrado em Educação Pré-escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich. Este surge como reflexão do percurso da prática pedagógica, realizada em contexto de Jardim de Infância.

O estudo emergiu da minha preocupação em compreender como se pode ajudar as crianças a estimular a sua capacidade de concentração. Assim sendo, tem como objectivo reflectir sobre as causas da falta de concentração/atenção, mas também compreender algumas estratégias e atitudes a utilizar no desenvolvimento da capacidade de concentração e atenção das crianças, proporcionando um espaço e ambiente harmonioso e equilibrado de aprendizagem.

Esta investigação foi executada no ano lectivo de 2011/2012, numa instituição pública, com um grupo constituído por 20 crianças, com idades compreendidas entre os 5 e 6 anos.

A metodologia utilizada nesta investigação é qualitativa e os dados foram recolhidos através de observação registada em *notas de campo*.

Os dados analisados e fundamentados em alguns autores de referência, tais como Brazelton, T. B. & Sparrow, J. D. (2004); Hohmann, M., & Weikart, D. (1989); Sprinthall, Norman A. & Srinthall, Richard C. (1993) e Sousa Fernandes, P. (2004), apontam para uma forte relação do espaço e ambiente envolvente, como um dos principais factores para a promoção da concentração e motivação para a aprendizagem, bem como o papel do adulto, as suas atitudes e a consciência do seu papel como promotor da motivação para a concentração e aprendizagem.

Palavras-Chave: Atenção; Concentração; Ambiente educativo.

Asbtract

The topic of this report falls under the scientific area of Supervised Teaching Practice, of the Master's degree course in Pre-school Education, from Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich [Maria Ulrich Infants' School University College]. This report is a reflection of the pedagogical practice conducted in a nursery school context.

The study arose from my concern with understanding how children can be helped to stimulate their ability to concentrate. The aims of this study are to reflect on the causes of lapses of concentration/attention and also comprehend some strategies and attitudes to be used to develop the concentration and attention abilities of children, providing a balanced and harmonious learning environment and space.

This investigation was carried out in the 2011/2012 academic year in a State-run institution, encompassing a group of 20 children aged between 5 and 6 years.

The research method used is qualitative and data were collected through observation and recorded in field notes.

The data were analysed and substantiated in the works of some reference authors, such as Brazelton, T. B. & Sparrow, J. D. (2004); Hohmann, M., & Weikart, D. (1989); Sprinthall, Norman A. & Srinthall, Richard C. (1993) and Sousa Fernandes, P. (2004). The results indicate a strong relationship with space and the surrounding environment as one of the main factors for the promotion of concentration and to motivate learning, as well as the role of the adult, their attitudes and awareness of their role as a promoter of the motivation for concentration and learning.

Keywords: Attention; Concentration; Educational environment.

Índice:

Introdução	7
O problema: A relevância (porquê?)	9
Como estimular a capacidade de concentração em crianças de 5/6 anos?	
Os objectivos: A adequação (para quê?)	13
Intencionalidade	
Objectivos do trabalho	
Metodologia: A autenticidade (como?)	15
Posicionamento paradigmático (qualitativo e interpretativo)	
As Notas de Campo como instrumento de recolha de dados	
Descrição de procedimentos	
Implementação – Cronograma (o quê/quando?)	
Leitura dos dados (análise e interpretação) – A sustentabilidade.....	20
Indicadores; Significado/Significados;	
Adequação da Notas de Campo e fundamentação teórica	
Conclusões: A transformação	28
Breve resumo sobre os aspectos fundamentais do trabalho	
Referências Bibliográficas	33
Anexos	35
Notas de Campo	

Introdução

O presente Relatório Final insere-se no âmbito da Área Científica de Prática de Ensino Supervisionada (PES), que por sua vez, se encontra incluída no Mestrado em Educação Pré-escolar.

O meu problema/pergunta surge no contexto da minha prática pedagógica na escola E.B. 1/J.I Gaivotas, do Agrupamento Vertical de Escolas Baixa Chiado.

A investigação realizada na elaboração deste relatório, teve como ponto de partida a problemática - **Como estimular a capacidade de concentração em crianças com 5/6anos?** – que me surgiu, naturalmente, a partir da recolha diária de Notas de Campo e me fizeram questionar esta problemática.

Esta pergunta/problema, nasceu da minha curiosidade e determinação em querer saber mais e entender quais as causas da falta de concentração/atenção, mas também da minha vontade de perceber como actuar perante este tipo de dificuldades, no meu futuro profissional.

Quis investigar este problema, pois considero fundamental a capacidade de concentração para obter aprendizagens, assim sendo, senti necessidade de aprofundar o meu conhecimento em relação a dificuldades de atenção e concentração, para no futuro poder ajudar as crianças que sintam este tipo de obstáculos na sua aprendizagem e assim, responder às suas necessidades.

A metodologia utilizada nesta investigação insere-se no paradigma qualitativo. Tendo, por isso, apoiado este estudo através das características inerentes à mesma.

Este relatório começa com uma breve introdução, onde exponho a questão, bem como a razão da sua escolha.

O capítulo seguinte trata o Problema. É neste que evidencio detalhadamente o problema/questão que está na base deste relatório e a justificação da escolha do mesmo, bem como a sua contextualização e sustentação teórica.

De seguida, apresento um capítulo destinado aos objectivos, onde defino a minha intencionalidade e os objectivos do trabalho. Aponto, também, a definição operacional dos termos, para melhor compreender os conceitos que irei investigar.

No capítulo seguinte defino a metodologia do trabalho. Explico o paradigma qualitativo/interpretativo que utilizo nesta investigação, as etapas do procedimento desta e o respectivo cronograma e a importância da Notas de Campo como instrumento de recolha de dados.

No capítulo seguinte, realizo o estudo sobre os indicadores e os significados das minhas interpretações, das Notas de Campo, para seguidamente serem analisados e interpretados a partir de duas categorias distintas.

Após a análise e interpretação dos dados, concluo o trabalho. Apresentando um breve resumo sobre os aspectos fundamentais do mesmo, relembrando os objectivos do trabalho e esclarecendo se estes foram ou não alcançados.

Neste capítulo, também, expresso as conclusões decorrentes de uma reflexão pessoal, tendo como referência a sustentação teórica e análise elaborada ao longo de todo o trabalho e a partir da experiência prática.

De seguida, apresento o capítulo das referências bibliográficas, onde menciono, por ordem alfabética, os autores que consultei, referi e citei ao longo desta investigação.

Por fim, apresento o capítulo dos anexos, onde insiro todas as Notas de Campo utilizadas neste trabalho.

O Relatório Final encontra-se redigido sob o antigo acordo ortográfico.

O Problema: A relevância (porquê?)

O tópico de relevância da minha investigação incide no conceito da concentração, mais especificamente, sobre métodos e estratégias de desenvolvimento da capacidade de concentração no grupo de crianças, com quem me encontro a estagiar durante a minha prática de ensino supervisionada.

Com base nas Notas de Campo e na reflexão tutorial grupal, emergiu o problema para estudo: **Como estimular a capacidade de concentração em crianças de 5/6 anos?**

O grupo é constituído por 20 crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos. São 11 raparigas e 9 rapazes. Estas crianças são da única sala de Jardim de Infância que existe nesta Instituição – Agrupamento Vertical de Escolas Baixa Chiado, E.B1/J.I Gaivotas-.

Tenho como princípios orientadores a promoção da **autonomia** da criança para um ser participativo e capaz, o **afecto** para estimular o desenvolvimento de capacidades e um bom **ambiente** para que existam boas relações interpessoais e aprendizagens significativas.

A motivação para o estudo da capacidade de concentração, surgiu no âmbito da minha prática pedagógica, pois neste grupo de crianças nota-se esta dificuldade.

“(…) Ao longo da conversa o E. (5;8), que estava sentado no chão, ao lado da cadeira da educadora, ia-se baloiçando para a frente e para trás. A educadora ao reparar nele deu-lhe um toque no ombro e disse-lhe para parar, pois na sala ninguém se pode abanar (...) Passado um pouco o E. estava a mexer nos sapatos e nas calças. A educadora voltou a dizer-lhe para estar quieto e tomar atenção ao que se estava a dizer. Mais à frente o E. estava outra vez, a mexer na sua roupa e a baloiçar-se. A educadora num tom mais exaltado disse-lhe para parar de uma vez por todas e ter atenção.”

N.C. (20/03/2012)

Este tipo de episódios ocorre frequentemente com este grupo de crianças que tem famílias destruturadas, com dificuldades de emprego e condições de habitação pouco favoráveis. O bairro tem uma população maioritariamente imigrante.

Também observo que não costumam ter recreio ao ar livre mas sim, por vezes, outra sala (sala polivalente).

A situação de não terem possibilidade de recreio exterior acontece porque a Instituição não tem espaço suficiente para poder proporcionar este tipo de recreio a este grupo de crianças, mas também porque o único espaço exterior que existe costuma estar ocupado pelas crianças do 1º ciclo. E como o espaço é muito reduzido as crianças do 1º ciclo não podem

estar a brincar no recreio ao ar livre, ao mesmo tempo que as crianças do Jardim de Infância.

Este aspecto é importante, como Silva, (2007, p.38/39) reconhece “O espaço exterior do estabelecimento de educação pré-escolar é igualmente um espaço educativo. Pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer (...)”.

Também é importante considerar que:

O recreio é uma área maravilhosa para as crianças (...) Quando estão no exterior, as crianças evidenciam diferentes capacidades daquelas que demonstram aquando no interior (...) É essencial para o crescimento e desenvolvimento das crianças (...) que tenham tempo, em cada dia, para brincar num recreio exterior seguro.

(Hohmann & Weikart, 1989, p.212)

Em Gabriela Portugal encontro reforço para este problema:

Sabemos bem que o ambiente (...) pode promover ou restringir o jogo da criança e as suas interacções com os outros, pode facilitar ou não a sua autonomia e as rotinas, os momentos de aconchego, de conforto e bem-estar estético. Ou seja, tal como está organizado o espaço pode facilitar aprendizagens, criar desafios, provocar a curiosidade, potenciar autonomia e relações interpessoais positivas.

(Portugal, G. 2010, p.57)

Por não terem um espaço determinado para a brincadeira e outro espaço diferente determinado para os tempos de actividades orientadas, que exigem concentração, estas crianças têm dificuldade em estruturar tempos delimitados e definidos para as experiências que podem satisfazer diferentes necessidades.

Segundo Talbot & Frost, citado em Hohmann (1989, p.161), quando um ambiente é aberto a diferentes possibilidades de interpretação e uso, as crianças passam a ter o poder de definir para que serve, em vez de identificarem uma maneira correcta de o entender ou agir sobre ele.

Ser a criança a definir a finalidade dos espaços por si própria, dentro do estabelecimento de educação pré-escolar, não ajuda a uma boa organização, nem ajuda à compreensão que tem do espaço.

“Num contexto de aprendizagem activa as crianças necessitam de espaços que sejam planeados e equipados de forma a que essa aprendizagem seja efectuada.” (Hohmann & Weikart, 1989, p.161)

Ao participarem activamente no processo de aprendizagem, as crianças, conseguem interiorizar melhor as regras, os conceitos, e obter aprendizagens significativas.

Outra situação também me chamou a atenção:

“ (...) Voltei a dizer à J (5,11) que tinha de ter atenção a todos os pormenores da minha cara. Quando começou a desenhar os meus olhos, olhou para mim, disse-me que eu tinha os olhos verdes e pintou-os de verde no desenho. Quando ia desenhar o meu cabelo, voltou a olhar para mim e respondeu-me que eu tinha o cabelo preto. Disse-lhe para ter atenção e reparar bem se era essa a cor do meu cabelo. Voltou a olhar para mim e disse-me que afinal era amarelo. Respondi-lhe que tinha de ter mais atenção, ao que me respondeu: “está bem.”(...)”

N.C. (19/03/2012)

Nesta situação, a criança estava a tentar desenhar-me, mas não se conseguia concentrar no que estava a fazer, chegando ao ponto de confundir cores bastante distintas. Esta criança tem alguma dificuldade em decorar conceitos, estar atenta e exteriorizar as suas ideias de forma esclarecedora. Não consegue estar concentrada nas conversas de tapete e está sempre a interromper os adultos, quando estes estão a falar para o grupo de crianças, para comentar assuntos que não têm a ver com o que se está a conversar. Por vezes, numa tentativa de chamar a atenção, outras vezes por estar distraída.

Como esta criança, há várias neste grupo que demonstram este tipo de dificuldades de concentração.

“ (...) a Je. (5;7), estava com o pincel na mão, mas não estava a pintar. Estava a olhar para trás, para a área dos computadores, a ver as crianças que estavam a jogar nos computadores. A Ed. (5;10) que estava a pintar, reparou que a Je. não estava a fazer o que lhe havia sido pedido e disse-lhe: “Je. tens de pintar, não podes estar distraída, senão não consegues acabar de pintar.” A Je. Olhou para a caixa e começou a pintar. Passados alguns minutos, estava a olhar para os computadores outra vez. A Ed. Voltou a dizer-lhe que tinha de pintar e que não podia estar distraída senão pintava por fora do sítio. A Je. voltou a olhar para a caixa e voltou a pintar, conversando com as crianças que estavam a pintar com ela. Passado mais uns minutos voltou a olhar para os jogos no computador.(...)”

N.C. (11/04/2012)

Nesta Nota de Campo observo que o ambiente/espço envolvente é um aspecto que devemos ter em atenção, pois pode ou prejudicar, ou beneficiar o desempenho e aprendizagem que a criança faz.

Por ter observado bastantes situações que aparentam falta de concentração e por ser algo que me inquieta, motivei-me para esta investigação.

O que pretendo, sobretudo, é perceber como poderei ajudar as crianças a desenvolver a capacidade de se concentrarem, tentando compreender as suas dificuldades e de que forma poderei responder às suas necessidades.

Para o estudo deste problema é fundamental ter em consideração o ambiente/espço envolvente, pois é a partir do aproveitamento do espaço e das actividades que se pode planear estratégias que ajudem a responder às necessidades das crianças. É também importante ter em atenção as estratégias para trabalhar as áreas de conteúdo.

“(...) as áreas de conteúdo são mais do que as áreas de actividades, pois implicam que a acção seja ocasião de descobrir relações consigo própria, com os outros e com os objectos, o que significa pensar e compreender.” (Silva, I. 2007, p.48)

Para aprofundar o problema elaborei algumas questões que me vão ajudar a explorar o caminho da minha investigação: O espaço/ambiente envolvente tem influência sobre a capacidade de concentração e atenção? Qual o papel dos pares? Como é que o papel do adulto pode ajudar ou reforçar a capacidade de concentração?

Os Objectivos: A adequação (para quê?)

Para melhor compreender o problema de estudo da minha investigação senti necessidade de realizar uma definição operacional de termos. Ou seja, antes de definir os objectivos e adequação do trabalho é importante definir quais as palavras-chave que definem o problema, para entender os conceitos deste.

Estimular - “Dar estímulo a; encorajar, incentivar.” (Dicionário Português; 1983) Ou seja, estimular é dar incentivo para que a criança queira: saber, aprender, fazer, adquirir capacidades.

Capacidade – “Fig. Qualidade de quem é apto a fazer determinada coisa, a compreendê-la; competência. Sinónimos: aptidão, faculdade, habilidade; inteligência, talento, valor.” (Dicionário online de Português, Santos, D. R., s.d.). Portanto, capacidade significa a competência que uma pessoa possui para compreender algo e para estar apto a colocar em prática esta competência. No caso da concentração, a criança tem de compreender o que implica estar concentrado, para se poder concentrar.

Segundo Ricardo Mazzonetto, (1996):

Concentração - É um estado mental caracterizado pela fixação da atenção em relação a um objecto. A palavra objecto utilizada aqui refere-se a tudo aquilo que pode ser vivenciado pela mente humana: coisas, pessoas, ideias, sentimentos, sensações, interesses, visões e demais experiências do género.

Características da concentração:

O seu processo caracteriza-se pela estabilidade da atenção num determinado conteúdo psíquico. Só ocorre plenamente, quando a mente consegue livrar-se de todas as sensações provocadas por estímulos externos e das vivências interiores, que não têm nenhum tipo de relação com o objecto da concentração. Para que haja concentração é necessário que ocorra atenção e silêncio interior.

Determinação da concentração:

A determinação da concentração é dada por um interesse por parte do indivíduo, em integrar-se ao objecto da concentração e compreendê-lo a fundo. Essa compreensão é dada quando o indivíduo sente o objecto, na sua integração com o mesmo. Portanto, a sua determinação é dada pela motivação de se integrar e sentir a algo ou alguém.

Ricardo Mazzonetto, 1996

Falta de atenção – segundo Sosin, D. & M. (2006, p.23) “A falta de atenção significa dificuldade em se manter concentrado numa determinada tarefa por muito tempo. (...)”

Ambiente/espço educativo, segundo Sousa Fernandes, P. (2004):

Entende-se como ambiente educativo numa sala de aula o conjunto formado pelo espaço físico e tudo o que o constitui e mais as relações ali estabelecidas entre as personagens actuantes (professor e alunos). Dentro numa sala de aula interagem continuamente pessoas específicas, diariamente, o que resulta em fortes relações afectivas e pedagógicas (alunos/alunos e alunos/professores) em simultâneo, onde a parte física da mesma sala influi nessas relações e vice-versa. (...) O espaço sala de aula tem de cativar a atenção das crianças para funcionar como mais um dispositivo pedagógico a utilizar pelos professores no dia-a-dia educativo.

Sousa Fernandes, P. (2004, p.71 e 157)

Depois de definidos os conceitos deste trabalho, passo a explicar qual a minha intencionalidade.

Com este trabalho pretendo compreender quais as causas que contribuem para a dificuldade de concentração, em crianças com 5 e 6 anos e entender qual a forma de actuar sobre este tipo de dificuldade, para uma melhor prática pedagógica futura.

Para conseguir alcançar este meu propósito defini um plano de objectivos, para poder organizar-me e estruturar este trabalho.

Tenho como objectivos para este trabalho os seguintes itens:

- Reflectir sobre a importância da concentração para a aprendizagem, em crianças com 5/6 anos;
- Compreender algumas estratégias e atitudes que contribuam para a capacidade de atenção/concentração;
- Compreender o papel do educador/adulto como intermediário deste tipo de dificuldade;
- Observar e compreender se os pares e o espaço/ambiente envolvente têm um papel importante no desenvolvimento da capacidade de concentração;

Metodologia: A autenticidade (como?)

No paradigma qualitativo a autenticidade, a qualidade e fiabilidade dos dados depende muito da sensibilidade do investigador, da sua integridade e do seu conhecimento.

O paradigma qualitativo pressupõe o recurso ao método qualitativo. E a investigação que realizo vai ao encontro desta metodologia – investigação qualitativa.

Bernard Spodek refere que:

As abordagens qualitativas à investigação em educação de infância, que encaramos como extremamente vantajosas e estimulantes, divergem de trabalhos quantitativos nos âmbitos da ética da investigação, noções de conhecimento, e relacionamento entre o investigador e o sujeito da investigação.

Spodek, B. (1993, p. 1037)

De acordo com Bogdan e Biklen (1994) são cinco as características essenciais da investigação qualitativa:

1. “Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.” (p. 47). Ou seja, o investigador deve frequentar, sempre que possível, os locais de estudo recolhendo dados do próprio contexto. Sendo a sua presença fundamental, pois a observação passa a ser vivida, também, pelo observador que compreende e interpreta melhor as acções, uma vez que existe uma preocupação constante com o contexto em que se insere a observação. Neste caso, a minha investigação foi realizada a partir do estágio, numa sala de Jardim-de-infância, sendo que me encontrava todos os dias da semana em observação e recolha de dados, directamente, no local de estudo.

2. “A investigação qualitativa é descritiva.” (p. 48). Os dados recolhidos pelo Investigador são elaborados através de palavras ou imagens analisadas e descritas de forma rigorosa. Os resultados devem conter citações realizadas com base nos dados adquiridos (notas de campo, registos, etc.) a fim de fundamentar, cada vez melhor, as observações.

Uma investigação qualitativa exige que os investigadores conheçam as realidades observadas, recolham e analisem dados descritivos, detalhados e pormenorizados, para que se torne mais compreensível e esclarecedor o objecto de estudo. Para a minha investigação, recolhi variadas notas de campo, onde descrevi pormenorizadamente várias situações que me permitiram fundamentar as observações realizadas, de modo a esclarecer melhor o meu objecto de estudo.

3. “Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.” (p. 49). As estratégias de uma investigação qualitativa incluem que o investigador fomente expectativas, procedimentos e interacções através das observações que realiza, de forma a criar interesse pelo que aprende a partir do processo.

A partir dos dados que recolhi no contexto e das minhas observações, pude fomentar expectativas e interacções que me levaram ao interesse da minha problemática, ao ponto de querer compreender melhor, explorar e investigar mais.

4. “Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.” (p. 50). O investigador agrupa dados recolhidos formando posteriormente abstrações, com o objectivo de criar hipóteses em vez de confirmar dados. Ou seja, o investigador constrói conclusões à medida que recolhe e analisa diferentes dados, não se centra somente em objecções já formadas. Neste caso, em relação à minha investigação, senti que os meus dados não eram conclusivos, pois à medida que os analisava, surgiam mais inquietações, novas questões e hipóteses. As conclusões vão-se formando com o avançar da pesquisa e investigação.

5. “O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.” (p. 50). Os investigadores centram-se em questões fundamentalmente humanas, tentando compreender as perspectivas dos participantes, enquadrando-se como observadores externos e compreendendo situações internas. O investigador deve ter em consideração a forma como cada pessoa interpreta os significados ou sentidos, reflectindo para um diálogo activo no processo de investigação. Foi a partir das dificuldades das crianças com quem me encontrava a trabalhar e da observação que realizei no tempo de estágio, que me surgiu a vontade de explorar este assunto tão presente e vivido.

Sendo a investigação um processo de “leitura” da realidade, o investigador deve ter um papel activo. Devendo construir uma atitude envolvente com o contexto que observa.

O investigador terá que sentir que faz parte integrante daquele “momento” de vida partilhado. Devendo assim, ter uma atitude de “escuta activa” pela realidade em que está inserido, sendo sensível aos outros, mas assumindo também uma identidade perante os outros e si próprio.

Posteriormente à observação participada é essencial que a investigação qualitativa passe por processos de descrição rigorosa, que descrevem acontecimentos detalhados e significativos. Mas também, por processos de selecção da informação que fundamentam as situações observadas. Estes processos são as Notas de Campo, retiradas no terreno/contexto,

com o objectivo de recolher os dados necessários à investigação. São um instrumento muito pertinente na selecção da informação, para o investigador.

As Notas de Campo são o instrumento que utilizo durante esta investigação. Têm uma parte muito descritiva, para que quem as lê consiga “imaginar” exactamente o que aconteceu. Têm também, uma parte inferencial onde o investigador coloca o que sentiu, pensou, as suas questões e ideias. E por fim, uma parte reflexiva onde a partir da parte descritiva e juntamente com as inferências, o investigador comenta, justifica e fundamenta teoricamente, baseando-se em autores de referência.

Segundo Bogdan e Biklen (1994. p.150), “as notas de campo são as «fatias de vida» a que o investigador assiste e que capta de forma objectiva e detalhada, são «o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo”.

A riqueza da observação leva-nos a partilhar ideias, a reflectir, e a aprender cada vez mais sobre o mundo que nos rodeia e as suas diferentes realidades e situações. O investigador deve interrogar os outros e a si próprio, desafiando-se permanentemente, de forma a sentir vontade de conhecer. É fundamental que tenha sempre, uma atitude transformadora e sem preconceitos, tentando entender e compreender os outros.

Foi a partir do que vivi, com as crianças, que fiquei com vontade de perceber melhor quais os motivos da falta de atenção/concentração.

O que mais interessa numa investigação qualitativa, não se centra somente no produto final, mas sim, na concretização de todo o processo de investigação do objecto em estudo, no desenvolvimento e aprendizagens contínuas.

O essencial em investigação é o processo de transformação de cada pessoa, modificando-nos a nível cognitivo, emocional e social.

Para uma melhor compreensão das etapas realizadas nesta investigação, passo a descrever os procedimentos que realizei para a elaboração:

Nas aulas Teórico-Práticas de Investigação em Educação, discutiu-se a importância da observação e da Investigação Qualitativa e Quantitativa. Analisámos documentos e realizámos pequenos trabalhos de grupo sobre estes temas.

Depois de abordados os assuntos anteriores, cada aluno realizou a Introdução do relatório final, tendo em conta o educador investigador.

Na primeira fase de estágio (Creche), realizada no mês de Janeiro e Fevereiro, foram retiradas notas de campo exploratórias e foi realizada uma síntese reflexiva das respectivas notas de campo.

Na segunda fase de estágio (Jardim-de-Infância), realizada de Março a Junho, foram também retiradas notas de campo exploratórias. Depois da análise dessas notas de campo em Orientação Tutorial grupal, definiu-se o problema, em conjunto com as Professoras Orientadoras. Após a definição do problema, iniciou-se a recolha de notas de campo focalizadas, consideradas necessárias para a elaboração do relatório final.

Ao longo dos meses de Abril e Maio, realizou-se o acompanhamento por parte das Orientadoras, para a realização das diferentes etapas do relatório.

Depois do problema definido, já no mês de Abril, foi entregue a proposta do relatório final, ou seja, a relevância do tema escolhido.

No mês de Maio foi entregue à Orientadora do relatório final, os objectivos deste trabalho de investigação. Ainda neste mês, a Orientadora, numa reunião tutorial grupal, explicou os procedimentos da metodologia do relatório final.

O passo seguinte foi explicar a metodologia deste trabalho. Ou seja, como se realiza. Em seguida realizou-se a análise de dados e as conclusões do trabalho. Por último realizou-se a bibliografia do trabalho.

De seguida será apresentado um cronograma para melhor esclarecimento de todas as etapas deste relatório.

PES	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Outubro/ Novembro
Aulas teóricas/ práticas	Importância da Observação / Investigação qualitativa e quantitativa		Introdução (O Educador Investigador)	Exploração dos objectivos da PES.					
	Análise de documentos sobre Investigação em Educação.								
Estágio 1ª Fase Creche	--		Recolha de notas de campo exploratórias / síntese reflexiva.						
Estágio 2ª Fase Jardim-de-Infância					- Recolha de notas de campo exploratórias e posteriormente focalizadas / direccionadas – sínteses reflexivas.				
Orientação tutorial					Análise de notas de campo; Definição do Problema	Acompanhamento tutorial, grupal, para realização do relatório final.			Acompanha mento tutorial
Trabalho de investigação / relatório final					Recolha de notas de campo; Análise de notas de campo; Definição do Problema	O problema : A relevância	Os objectivos: A adequação; Metodologia; Continuação da recolha das notas de campo;		Leitura dos dados: a sustentabilidade; Conclusões ; Introdução; Bibliografia Anexos.

Leitura dos dados (análise e interpretação) – A sustentabilidade

Ao longo da minha investigação, na fase do levantamento das Notas de Campo, recolhi “episódios” que demonstram algumas dificuldades de concentração nas crianças com quem trabalhei, durante a prática de ensino supervisionada.

Terei de me focar apenas no que pude presenciar, pois foi através da observação e descrição de situações em contexto escolar, que obtive os meus dados de estudo. Embora considere que estas dificuldades de atenção/concentração (dificuldades de aprendizagem) possam ter, em parte, a ver com as suas vidas familiares destruturadas.

(...) não só a família, como também o meio social em que a criança vive influencia a sua educação. (...), o processo de colaboração com os pais (...) tem efeitos na educação das crianças e, ainda, consequências no desenvolvimento (...) dos adultos que desempenham funções na sua educação.

Silva, I. (2007, p.23)

Também, Spodek refere que:

O comportamento parental tem uma importância capital no desenvolvimento intelectual; foi demonstrado que a competência das crianças é positivamente influenciada por uma estimulação e uma interacção orais consistentes. Os pais que brincam e conversam com os filhos, que os apoiam na exploração e manipulação do ambiente que os rodeia e que lhes proporcionam experiências novas e interessantes têm maior probabilidade de terem filhos criativos, curiosos e competentes.

Spodek, B. (1993, p.765)

Sabendo que as famílias/pais podem influenciar no contexto de aprendizagem escolar, para a minha investigação terei de me focalizar apenas no que pude observar e no que julguei ser relevante, dentro do ambiente escolar, para a problemática. Ou seja, o espaço e ambiente escolar, as atitudes e estratégias utilizadas pelo adulto, as actividades propostas e realizadas, bem como, os comportamentos e respostas das crianças.

Para analisar as notas de campo, comecei por lê-las atentamente e tentei encontrar alguns indicadores para que as pudesse identificar por categorias distintas. Coloquei de lado as notas de campo que eram de carácter mais exploratório e dediquei-me apenas às que considere relevantes para a minha investigação.

Encontrei dois indicadores distintos que abordam o espaço e o ambiente envolvente estimuladores, ou não, da capacidade de concentração, bem como o papel e atitudes do adulto e/ou pares como intermediários de estratégias que interferem com a capacidade de concentração.

Verifiquei, depois da análise às notas de campo, que se podem dividir em duas categorias mais evidentes: **O espaço/ambiente envolvente como estímulo da capacidade de concentração** e **O papel do adulto como promotor da motivação, interesse e atenção**.

Seguidamente, numa análise mais cuidada, selecionei algumas palavras-chave, nas Notas de Campo que passo a destacar: ambiente envolvente, estímulo, barulho, atenção, concentração, motivação, interesse, actividades diferenciadas, estratégia, trabalho, brincar.

Depois de ler várias vezes, as Notas de Campo, constatei que se encontram muito presentes estas duas categorias. Pois a maioria das Notas de Campo relatam momentos que evidenciam que existe falta de concentração, por parte das crianças, que é consequente da falta de espaço e ambiente propícios para trabalhar, mas também se nota a falta de interesse e atenção pelas actividades, por falta de motivação, consequente da repetição e monotonia das actividades, bem como da falta de tempo para a brincadeira.

Segundo Sosin, (2006, p. 23), “(...) a falta de atenção é uma resposta ao tédio. Quando mais interessante, dinâmico, e envolvido o professor se mostra (...), menor é a probabilidade de qualquer aluno se deixar absorver pelo seu próprio mundo.”. Ou seja, o adulto deve ser motivador, de forma a que as crianças consigam obter interesse, concentração e atenção.

Para enquadrar melhor as categorias dentro do contexto do trabalho, irei citar algumas frases chave, das Notas de Campo, que analisei e me levaram a seleccionar estas duas categorias.

Em relação ao espaço/ambiente como estímulo, analisei 8 Notas de Campo que relatam episódios onde se nota a falta de concentração das crianças, por falta de espaços e ambiente propícios para trabalhar de forma concentrada e atenta.

“Pedi-lhe que se levantasse que eu ia ajudá-lo a acabar o trabalho e que depois vinha logo brincar. Respondeu: “Está bem, mas ajuda-me que eu não sei fazer, nem consigo pensar bem agora porque tenho de pensar na brincadeira que estou a fazer com a J.”

N.C. (11/5/12)

A criança não se conseguiu concentrar na sua tarefa, nem teve interesse nela, pois estava mais interessado em ir brincar com os colegas que se encontravam ao seu lado numa brincadeira.

Esta situação demonstra que o ambiente em que a criança se encontrava não lhe permitia concentra-se, pois estava a ser atraído pela brincadeira dos seus colegas. É difícil exigir-se concentração a uma criança quando o espaço e o ambiente não permitem esse nível de concentração e/ou atenção.

Antunes, N. L. (2009, p.174), diz que “(...) os principais factores de desatenção na sala de aula são os próprios colegas (...)”. Também Sosin, D. & M. (2006, p.24), afirmam que “(...) a atenção da pessoa é desviada automaticamente para o som ambiente mais alto.”

Por isso, principalmente em situações como esta, “É necessário que o ambiente envolvente seja tranquilo e ausente de barulhos ou outras distrações que possam perturbar e desviar a atenção da criança.” Leal, C. (s.d.).

Também, noutras Notas de Campo, encontro mais situações semelhantes a esta e com a mesma problemática, ou seja em relação ao ambiente de trabalho pouco propício e à falta de concentração/atenção, consequentes do barulho e estímulos exteriores.

Continuou a pintar e a conversar comigo, mas ao longo da pintura, de vez em quando ia parando. Perguntei-lhe mais uma vez se não queria brincar e respondeu-me: respondeu-me: “Não, eu queria acabar a minha pintura, mas eles estão a fazer muito barulho, não me consigo lembrar das cores que quero pintar.

N.C. (22/5/12)

Esta criança não se conseguiu concentrar na sua tarefa, embora mostra-se interesse nela, pois estava demasiado concentrada nas brincadeiras dos seus colegas. Embora quisesse realizar a sua tarefa, estava a receber demasiados estímulos exteriores e não se estava a conseguir abstrair destes.

Sosin, D. & M. (2006, p.26) afirmam que “ a disposição da sala de aulas em áreas ou postos de aprendizagem, incluindo algumas que disponham de alguma privacidade pode ajudar algumas crianças a concentrarem-se.”

Em muitas situações analisei que a falta deste factor (espaço com alguma privacidade) não foi estímulo da capacidade de concentração das crianças, nas tarefas que lhe foram exigidas.

Como exemplo, passo a citar outro episódio que demonstra esta situação:

(...)a Je. (5;7), estava com o pincel na mão, mas não estava a pintar. Estava a olhar para trás, para a área dos computadores, a ver as crianças que estavam a jogar nos computadores. A Ed. (5;10) que estava a pintar, reparou (...) disse-lhe: “Je. tens de pintar, não podes estar distraída, senão não consegues acabar de pintar.” A Je. Olhou para a caixa e começou a pintar. Passados alguns minutos, estava a olhar para os computadores outra vez. A Ed. Voltou a dizer-lhe que tinha de pintar e que não podia estar distraída senão pintava por fora do sítio. (...) Passado mais uns minutos voltou a olhar para os jogos no computador. A Ed. olhou para a Je. e disse-lhe: “Assim não vais brincar, não trabalhas.” (...) A Je. olhou para a Ed. e continuou a olhar para os jogos, até que viu que as crianças que estavam com ela a pintar, já tinham acabado e iam brincar. (...)

Esta criança, por muito que tentasse, não estava a conseguir concentrar-se na sua tarefa, pois estava ao lado da área dos computadores, onde outras crianças se encontravam a jogar.

Para além dos sons dos jogos de computador serem as grandes distrações, refiro aqui outra vez, Sosin, D. & M. (2006, p.24), “(...) a atenção da pessoa é desviada automaticamente para o som ambiente mais alto.”. Também a situação de ir jogar para o computador torna-se aliciante demais para a criança resistir a não olhar.

Embora o ambiente envolvente, nesta situação, tenha sido a principal causa da falta de concentração da criança, também considero que o papel do adulto tenha um grande peso neste tipo de situações. Pois se a criança se encontra num local pouco propício à capacidade de se manter concentrada, o adulto deve ter o cuidado de a retirar desse ambiente e colocá-la num local mais calmo, para ajudar a criança a manter-se concentrada.

No entanto, irei mencionar o papel do adulto mais à frente quando analisar a segunda categoria que se refere exactamente a esta problemática.

Nas Notas de Campo encontro, também, situações que provam que o espaço e o ambiente são de facto muito relevantes para a capacidade de estar concentrado, relatando momentos em que as crianças conseguiram atingir atenção a partir do espaço e ambiente em que se encontravam, que era propício à concentração.

Estávamos no ginásio e eu pedi a todas as crianças que se encostassem à parede do fundo. Foram todos a correr e encostaram-se parados e calados a olhar para mim. (...) fui pedindo que levantassem o braço esquerdo, o direito, a perna direita e a esquerda, entre outros. (...) Entre muitas tarefas que fui pedindo que fizessem, realizaram-nas sempre organizadamente e aderiram a todas as propostas mostrando algum entusiasmo. (...) Perguntei-lhes porque é que tinham gostado (...) “porque eu gosto de vir ao ginásio”.

Nesta situação, consigo perceber que o facto de se proporcionar espaço propício à execução das actividades, faz com que as crianças consigam e demonstrem querer atingir atenção e concentração para conseguir realizar o que lhes é pedido. Pois, anteriormente encontravam-se na sala de aulas, desconcentrados, inquietos e com pouco interesse no que estava a acontecer à sua volta. Quando foram para o ginásio, modificaram o comportamento, mostraram-se mais interessados e realizaram tudo o que lhes foi proposto de forma ordeira e concentrada.

Segundo Sosin, D. & M. (2006, p.26) “A integração de (...) alguma actividade física durante uma aula pode ser útil, tal como a apresentação de diversas actividades (...)”.

Neste caso, também considero que a alternância do tipo de actividade tenha tido alguma influência na concentração e atenção que as crianças conseguiram atingir.

“As estratégias para o desenvolvimento da concentração passam pela realização de actividades sensoriais, auditivas, visuais e motoras (...)” (Góis, 2005).

O facto de ter sido uma actividade sensorial, também contribuiu para a concentração que as crianças aplicaram nas tarefas exigidas. Portanto, aqui consigo analisar que a alternância, tanto do espaço, como da actividade contribuiu para um melhoramento na capacidade de concentração do grupo.

Em relação à categoria do **papel do adulto como promotor da motivação, interesse e atenção**, analisei 8 Notas de Campo que relatam episódios que demonstram que as estratégias que o adulto aplica e as suas atitudes, influenciam bastante a capacidade de estar interessado, motivado e atento.

Para evidenciar este item, vou citar algumas Notas de Campo que demonstram como as atitudes e estratégias do adulto podem influenciar a concentração/atenção e respostas das crianças.

(...) A Professora ia colocando perguntas sobre a história e as crianças responderam sempre organizadamente e com atenção às respostas que davam. (...) No decorrer desta actividade as crianças mantiveram-se sempre muito atentas à história e à professora. No entanto, quando a auxiliar voltou a acender as luzes da sala, as crianças começaram a ficar mais agitadas, menos atentas e iam comentando e respondendo de forma menos organizada e com alguma gozação. Destabilizaram a partir do momento em que as luzes se acenderam. (...)

N.C. (12/4/12)

Nesta situação, as crianças mostraram-se interessadas pela novidade da actividade e por isso conseguiram manter-se atentas e concentradas, também porque o ambiente estava diferente. As luzes estavam apagadas o que ajudou à concentração, mais focada naquilo que se estava a realizar. Isto é um exemplo de uma estratégia utilizada pelo adulto para captar a atenção das crianças.

Segundo Silva, (2007, p.50):

O educador deve diferenciar o processo de aprendizagem, propondo situações que sejam suficientemente interessantes e desafiadoras de modo a estimular a criança. De maneira que as actividades não sejam sempre no mesmo registo, para que as crianças não percam o interesse em querer fazer. Ou seja, o educador deve ter o cuidado de não desmotivar as crianças com actividades que sejam sempre iguais ou parecidas, deve ter em conta a alternância de actividades de forma a conseguir motivar as crianças, interessá-las e conseguir com que queiram fazer e saber. Pois só assim conseguiram aprendizagens significativas que lhes vão permitir o conhecimento e a aplicação do saber para o saber-fazer.

Ao longo da prática de ensino supervisionada, pude observar e descrever nas Notas de Campo, várias situações que demonstram como a falta de alternância de actividades contribuem muito para a falta de interesse e motivação nas actividades, por parte das crianças, e por isso é evidente a falta de concentração e atenção, que funcionam como consequência desta escassez de actividades diferenciadas. Ou seja, o adulto/educador deve ter em conta a alternância de actividades, como estratégia para atingir a capacidade de concentração.

“Quando a educadora voltou a chama-lo a atenção, este suspirou dizendo: “oohh”. Olhou para o chão e baixinho disse: “não me apetece fazer isto”. E ficou quieto a olhar para a educadora.” N.C. (26/4/12)

Esta criança não demonstrou interesse naquilo que se estava a dizer, talvez por ser o lançamento de uma actividade muito semelhante às actividades de sempre, por isso também não conseguiu manter-se atento.

Como esta situação, relato noutras Notas de Campo, algumas situações semelhantes. Que demonstram que o papel do adulto e por vezes, o dos pares, é fundamental para o estímulo de interesse, de atenção e motivação.

O E. (5;8) estava numa das mesas de trabalho, a desenhar. Parou de desenhar e ficou a olhar para a mesa. Passados alguns minutos continuava sem desenhar, a olhar para a mesa e para os lápis. Fui ter com ele e perguntei-lhe porque não estava a desenhar. Disse-me que não sabia desenhar. Respondi-lhe que isso não era verdade, pois já tinha visto muitos desenhos dele que estavam muito bem desenhados. Respondeu-me que não queria desenhar e insisti para desenhar com calma, que eu ajudava-o e ficava ao seu lado. Começou a chorar dizendo que não sabia desenhar e que não queria. Tentei acalma-lo, abraçando-o e dizendo que não precisava de chorar que eu ajudava, que acabávamos os dois aquele trabalho. Disse-lhe, outra vez, que eu sabia que ele sabia desenhar muito bem e que o ajudava. Parou de chorar e disse-me que

lhe pedem sempre para desenhar coisas que ele não sabe desenhar, nem quer desenhar. Disse-lhe que isso não era verdade, pois só pedíamos para desenhar o que ele sabe desenhar e que já mostrou noutros trabalhos que desenha muito bem, precisa é de estar concentrado no que está a fazer. Respondeu-me que sabia disso mas que queria ir brincar.

N. C. (23/04/12)

Nesta situação, a criança não só se sentia cansada de trabalhar, como muito desmotivada. Tentou utilizar a estratégia de dizer que não sabe fazer, porque na verdade não o queria fazer. A motivação é imprescindível para a capacidade de aprendizagem e execução de tarefas, bem como para a atenção que é exercida na tarefa. Sem motivação a criança não se consegue concentrar na tarefa que lhe é exigida.

“Não só a motivação afecta a aprendizagem, como a aprendizagem afecta a motivação.”
Sprinthall, N. & R. (1993, p.505)

O adulto deve ter isto em conta para que a aprendizagem não seja desmotivadora.

Também analiso que o reforço positivo/encorajamento, nesta situação e em muitas outras, é bastante importante para estimular a criança a querer fazer, a sentir-se motivada, capaz e por consequência, sentir-se concentrada na sua tarefa.

Sprinthall, N. & R. (1993, p.505), referem que “A aprovação sob a forma de notas boas, (...) ou um amigável “muito bem”, constitui o aliado mais poderoso do professor e é muito vantajoso, tanto para o professor, como para o aluno, que este motivo não seja abafado.”

Ou seja, deve-se ter sempre em consideração esta aprovação/reforço positivo para benefício da aprendizagem das crianças que não se sentem capazes, que se sentem desmotivadas e/ou demonstram desinteresse.

Estes foram os indicadores que encontrei e salientei nas Notas de Campo, que me levaram a categorizá-las e dividi-las segundo os significados que lhes atribui e analisei.

Analisei e interpretei estes indicadores tendo em conta o espaço envolvente, o ambiente dentro da sala de aula, o barulho à volta da criança, a atenção e concentração promovidas pelo adulto, que a criança aplica em determinadas tarefas, a motivação e o interesse das crianças, a alternância de actividades ou a falta desta, as estratégias e atitudes do adulto perante a falta de atenção e concentração nas tarefas e as respostas das crianças a determinados estímulos, quer sejam por parte do adulto, dos pares, mas principalmente aos estímulos exteriores provenientes do ambiente envolvente.

Entre o espaço/ambiente e o papel do adulto, consegui perceber que tanto um como outro podem funcionar como estímulo para a capacidade de concentração, ou como perturbador da atenção, dependendo da situação.

Conclusões: A transformação

Para uma melhor compreensão deste Relatório Final, irei relembrar os objectivos a que me propus atingir com a realização do trabalho, que tem como base a pergunta de partida – Como estimular a capacidade de concentração em crianças de 5/6 anos?

Em relação ao primeiro objectivo, reflectir sobre a importância da concentração para a aprendizagem, em crianças com 5/6 anos, esta foi feita ao longo de todo o trabalho, quer na parte prática em tempo de estágio, quer na parte de pesquisa e investigação.

Pude reflectir sobre a importância da concentração enquanto observava certos “episódios” em que a falta desta, destabilizava as actividades e o próprio ambiente dentro da sala. Mas também observei que quando uma criança não se consegue concentrar acaba por não conseguir acompanhar o resto do grupo e acaba por se sentir incapaz de realizar as tarefas, ou desiste de tentar. E isto vai afectar a sua aprendizagem.

A falta de atenção/concentração e motivação podem destabilizar o ritmo e ambiente de trabalho dentro da sala de aula, bem como a aprendizagem.

Há que referir o facto de que a motivação está implícita na capacidade de concentração e na aprendizagem, pois sem motivação a criança não se consegue interessar o suficiente para se manter concentrada e/ou atenta. E como consequência, acaba por prejudicar a sua aprendizagem.

Portanto, reflecti que é fundamental a criança sentir-se motivada, para conseguir concentrar-se e assim conseguir realizar aprendizagens. Ou seja, a motivação está implícita na concentração e esta é essencial, no contexto escolar, para que o ritmo de trabalho seja estável, para que a criança realize aprendizagens, mas também, para não destabilizar o ritmo de trabalho do grupo. Tanto o ambiente e espaço devem ser motivadores como o adulto deve ter uma atitude motivadora.

É importante que as crianças consigam manter-se concentradas para que as aprendizagens sejam realizadas.

Em relação ao segundo objectivo, compreender algumas estratégias e atitudes que contribuam para a capacidade de atenção/concentração, pude analisar, ao longo de todo o trabalho prático e teórico e com ajuda de autores de referência, que de facto há que ter em conta um certo número de estratégias e atitudes, por parte do adulto, para ajudar as crianças a manterem-se interessadas e motivadas de forma a conseguirem estar concentradas.

Partindo da análise que realizei na leitura dos dados e nas notas de campo, pude seleccionar e organizar algumas estratégias que, na minha opinião, o adulto deve ter em conta e que considero serem importantes na aquisição da capacidade de concentração, por

parte das crianças. Considero que estas atitudes são muito importantes para estimular a capacidade de concentração das crianças, em contexto escolar.

Penso que o adulto/educador deve compreender a causa que se encontra por trás do comportamento da criança, antes de agir, para actuar em benefício da criança. De forma a não criar barreiras na relação adulto/criança que possam vir a dificultar a aprendizagem. Deve mostrar-se dinâmico, interessado e envolvido, para motivar o interesse das crianças, de forma a manterem-se atentas e concentradas. Deve, também, organizar o espaço físico (salas ou recreio) de forma a obter lugares específicos para cada tipo de actividade, tendo em conta alguns espaços ausentes de barulho (postos de aprendizagem).

É muito importante, também, que o adulto/educador realize actividades em espaços diferentes, bem como alterne o tipo de actividades, de forma a captar o interesse das crianças, motivando e estimulando esse interesse, de forma a mantê-las atentas e concentradas, através de actividades que tragam o factor novidade.

O adulto deve motivar a criança a querer fazer, através do encorajamento e do reforço positivo/aprovação. De maneira a que a criança se sinta capaz e queira fazer. Ou seja, que aprenda, mas que saiba também realizar a transição do saber, para o saber-fazer.

Estas estratégias/atitudes que refiro são baseadas apenas, na análise que realizei nas notas de campo e através dos autores de referência que citei ao longo do trabalho.

O terceiro objectivo, compreender o papel do educador/adulto como intermediário deste tipo de dificuldade (falta de atenção/concentração), encontra-se interligado com o segundo objectivo. Ou seja, o adulto pode ser intermediário deste tipo de dificuldade através das suas atitudes e das estratégias que aplica, ou não, sob as crianças que se encontram desconcentradas das suas tarefas.

Por isso o adulto/educador deve ter em conta a importância do seu papel como intermediário, neste tipo de dificuldades, para poder aplicar as estratégias e atitudes assertivas de modo a ajudar a criança a superar a falta de atenção.

Em muitas situações pude observar que tanto o espaço/ambiente influenciam a capacidade de concentração, como os pares também, têm alguma influência nesta problemática.

No quarto objectivo, observar e compreender se os pares e o espaço/ambiente envolvente têm um papel importante no desenvolvimento da capacidade de concentração, analisei várias notas de campo e situações que me levam a julgar que de facto têm um papel importante no desenvolvimento desta capacidade.

Pude analisar que tanto o papel dos pares é relevante para a motivação da atenção, como o ambiente/espço envolvente pode ser promotor de desatenção, ou estimulador da atenção/concentração. Observei situações em que a criança se distrai com o barulho e ambiente envolvente e os pares tentam mantê-la concentrada na sua tarefa.

Nestes casos o ambiente envolvente funciona como o perturbador da concentração e atenção e os pares como a motivação da atenção.

Também encontrei e analisei situações em que os pares são os perturbadores da atenção.

Nestas situações o ambiente envolvente não era o ideal para a atenção e concentração da criança, pois os pares funcionaram como os causadores da sua desconcentração.

Também o espaço envolvente influencia a capacidade de concentração.

Por vezes, só o facto de certas actividades serem realizadas num espaço diferente aos espaços a que as crianças estão habituadas, é suficiente para se manterem interessadas e consequentemente, atentas e concentradas. Pois encontram a sua motivação de atenção no factor novidade.

Há que ter em conta, também, que cada actividade deve ser realizada num espaço adequado às tarefas propostas. Ou seja, uma actividade que exija concentração para, por exemplo desenhar e pintar, deve ser realizada num espaço com mesas, pouco barulho e longe das brincadeiras das outras crianças. Uma actividade que tenha como objectivo o exercício físico, deve ser realizada num espaço e ambiente mais lúdico com bastante espaço físico e ausente de obstáculos ao movimento.

O educador deve ter atenção ao espaço que vai sugerir às crianças para cada actividade que lhes propõe.

Partindo de toda a análise feita neste trabalho e dos autores de referência, considero que tanto o espaço/ambiente envolvente, como o papel do adulto, são relevantes e muito importantes para a capacidade de concentração das crianças, em contexto escolar.

O adulto tem um papel fundamental para o desenvolvimento desta capacidade, mas também o ambiente envolvente contribui para tal.

Posso, assim, interpretar que o adulto para estimular a capacidade de concentração das crianças, deve ter em conta o seu papel como promotor do interesse, da motivação e da capacidade de concentração para ajudar a criança, mas também deve ter em atenção o ambiente envolvente e o espaço que utiliza para as actividades, de forma a estimular o interesse das crianças para se manterem atentas e concentradas.

Depois de reflectir sobre a investigação que realizei com este Relatório Final, compreendi a importância da investigação para a minha vida futura profissional, bem como, para a minha vida pessoal.

Percebi que a melhor forma de compreender a fundo as necessidades de uma criança, ou de um grupo de crianças, é através da observação, descrição, análise e reflexão dos seus comportamentos e respostas.

Esta aprendizagem vai-me ser bastante útil ao longo da minha prática, para atender às necessidades de cada criança da forma mais adequada.

Em relação ao que retirei desta aprendizagem para a minha vida pessoal, posso concluir que me tornei uma pessoa mais ponderada, mais reflexiva.

O que aprendi com a pesquisa, investigação e elaboração deste trabalho, bem como, na prática de ensino supervisionada, fez-me saber parar de vez em quando para pensar nas minhas acções, nas minhas decisões e reformular o que me é possível.

Fez-me reflectir, também, sobre a importância de acreditar na mudança, enquanto educadora. Percebi o importante que é sermos pessoas motivadas e modelos de motivação, quer seja para os adultos com quem trabalhamos, quer seja para as crianças. Ou até mesmo para as pessoas com quem convivemos no dia-a-dia, seja a família, ou os amigos.

Saber ser investigadora na minha prática educativa vai-me ajudar, não só a compreender cada criança, como a saber agir da forma mais adequada com cada criança e com cada situação que me surgir.

Para que o meu futuro profissional seja mais eficaz e para que a investigação seja uma constante na minha prática pedagógica, sei que vou ter uma atitude investigativa.

Quero que a investigação seja um instrumento que eu possa utilizar espontaneamente em toda a minha prática, daqui para a frente.

A investigação em educação é agora, para mim, o instrumento fundamental para uma boa prática educativa. Não só para nos orientar a nós Educadores, como para garantir um melhor desenvolvimento às crianças, atendendo às suas necessidades específicas de forma mais cuidada e adequada.

Portanto, enquanto educadora tenciono utilizar todas as técnicas da investigação de maneira a poder ser mais atenta e atenciosa, dando respostas adequadas às problemáticas que me vão surgindo.

A partir de hoje, tenho como objectivo desenvolver esta capacidade do pensamento reflexivo, bem como desenvolver a capacidade de saber ser investigadora, utilizando os métodos íntegros da investigação qualitativa em educação.

Quero, também, aprofundar mais o tema da concentração de atenção em contexto escolar, pois consegui perceber a importância deste assunto durante a prática no Jardim-de-Infância, como educadora.

No entanto, numa investigação futura, mais aprofundada, tenciono investigar mais sobre os contextos socioeconómicos e familiares das crianças, pois considero fundamental entender este aspecto para compreender melhor as suas dificuldades.

Sinto que quanto mais investigar, mais preparada vou estar para ser uma educadora ponderada, assertiva, atenta e reflexiva em relação a todas as crianças individualmente e às suas dificuldades.

Nesta investigação senti algumas dificuldades e limitações. A principal dificuldade que senti foi a limitação de tempo que me foi estabelecida.

Tentei cumprir os prazos que me foram propostos, no entanto, conciliar o estágio e o respectivo relatório, as aulas, os trabalhos das Unidades Curriculares e a vida pessoal com este relatório final, foi-me bastante difícil. Assim sendo, acabei por prolongar o prazo de entrega deste Relatório final.

Outro aspecto da realização deste relatório, onde senti dificuldade foi na pesquisa de autores e nas referências e citações. Deparei-me com algumas confusões na forma como citar autores, mas também em como referi-los, enquadrando-os no meu texto.

Também me senti limitada na pesquisa de autores. No início da minha procura não encontrava autores que reforçassem as minhas palavras. No entanto, ao longo da minha investigação fui encontrando autores que fortaleceram as minhas afirmações.

Posso concluir que as minhas dificuldades foram superadas e que aprendi bastante com esta investigação, no que diz respeito ao papel do educador como promotor da motivação, interesse e da capacidade de concentração.

Mas acima de tudo, aprendi que o educador deve ser sempre investigador.

Referências bibliográficas:

- Alarcão, I. (2005). *Formação Reflexiva de Professores – Estratégias de Supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Antunes, N. L., (2009), *Mal-entendidos*, (5ª ed.). Lisboa, Verso de Kapa
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Traduzido por Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, colecção Ciências da Educação., original em língua inglesa de 1991.
- Brazelton, T. B. & Sparrow, J. D. (2004), *A Criança e a Disciplina. O Método Brazelton*. Lisboa: Editorial Presença;
- *Dicionário Português*. (1983) Porto: Porto editora
- Góis, C, W. L. (2005), *A concentração como característica psicológica fundamental no contexto escolar e federado*. Recuperado em 2012, Maio 8, de <http://www.efdeportes.com/efd139/a-concentracao-no-contexto-federado.htm>
- Hohmann, M., & Weikart, D. (1989), *Educar a Criança*, (5ª ed.). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian;
- Leal, C. (s.d). *As crianças e a falta de concentração*. Recuperado em 2012, Maio 6, de http://familia.sapo.pt/crianca/educacao/mae_ideal/1052867.html
- Mazzonetto R., (1996). *Concentração*. Recuperado em 2012, Abril 29, de http://www.ceismael.com.br/download/apostila/ma_conc.htm

- Portugal, G. & al. (2010). Mesa Redonda. *As questões do atendimento e educação da 1ª infância: investigação e práticas*. Recuperado em 2012, Abril 6, de <http://www.cnedu.pt/files/pub/Ed%20das%20criancas%20aos3/5-mesa1.pdf> ;
- Santos, D. R., (s.d.) *Dicionário online de Português*. Recuperado em 2012, Maio 17, de <http://www.dicio.com.br/capacidade/>.
- Silva, I. L. (2007), *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*, (3ª ed.). Lisboa, Direcção-Geral de Inovação de Desenvolvimento Curricular. Ministério da Educação;
- Sosin, D. & Sosin, M. (2006). *Compreender a Desordem por Défice de Atenção e Hiperactividade*. Porto: Porto Editora
- Spodek, B. (2010). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. 2ª edição. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian
- Sprinthall, Norman A. & Srinthall, Richard C. (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal, L.da
- Sousa Fernandes, P. (2004). *A (Re)Construção do Ambiente Educativo das Escolas e a Educação Multi/Intercultural*. Recuperado em 2012, Outubro 30 de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4726/1/A%20reconstru%C3%A7%C3%A3o%20do%20ambiente%20educativo.pdf>.

ANEXOS*

* Os anexos encontram-se organizados por ordem cronológica

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de

Campo:

Situação: Desenho com tintas

2

Data: 19 de Março

Hora: 10h30

Local: Sala de Jardim de Infância, área de pintura

Intervenientes: Estagiária e uma criança

Sexo do Observado: feminino

Idade do Observado: 5 anos

Outros indicadores de Contexto: Dia do Pai

Descrição	Inferência
<p>A J. (5,11) pediu-me para ir com ela para a área da pintura para que ela pudesse desenhar o meu retrato.</p> <p>Disse-lhe que sim e fui com ela. Pediu-me para me sentar na cadeira, ao lado do cavalete de pintura, sentei-me e disse-lhe que tinha de ter atenção a todos os pormenores da minha cara, bem como, às cores da minha cara. Respondeu-me que sim e começou a desenhar a minha cara numa forma oval, com a cor rosa claro. Olhou outra vez para mim, disse que eu tinha de estar com um ar sério para não ter de desenhar os meus dentes. Perguntei-lhe se podia estar a sorrir de boca fechada então. Respondeu-me que sim.</p> <p>Voltei a dizer à J. que tinha de ter atenção a todos os pormenores da minha cara. Quando começou a desenhar os meus olhos, olhou para mim, disse-me que eu tinha os olhos verdes e pintou-os de verde no desenho. Quando ia desenhar o meu cabelo, voltou a olhar para mim e respondeu-me que eu tinha o cabelo</p>	<p>As crianças estavam todas a realizar esta actividade com os pais. Como a J. não tinha lá o seu pai, pediu para me desenhar a mim.</p> <p>Senti que a J. me considera uma referência, pois quis colocar-me no papel que seria o do seu pai, se estivesse presente.</p> <p>Sabendo da dificuldade de concentração desta criança, comecei por chamar a sua atenção para os pormenores.</p> <p>Muito apressada respondeu-me que sim e começou logo a desenhar-me. Sem se mostrar muito atenta.</p> <p>Mostrou alguma dificuldade em desenhar os dentes, então pediu-me que mudasse a minha posição para evitar desenhar a sua dificuldade. Cedi e continuou o desenho.</p> <p>Aos pintar os meus olhos, mostrou estar atenta ao que estava a fazer e conseguiu ver a cor certa.</p>

<p>preto. Disse-lhe para ter atenção e reparar bem se era essa a cor do meu cabelo. Voltou a olhar para mim e disse-me que afinal era amarelo. Respondi-lhe que tinha de ter mais atenção, ao que me respondeu: “está bem”.</p> <p>Depois de desenhar a boca, o nariz, o pescoço e os braços, perguntou-me se podia deixar secar para depois poder desenhar com caneta a “parte preta dos olhos”. Respondi-lhe que sim e fomos as duas colocar a pintura a secar.</p>	<p>Ao contrário da situação acima, ao querer pintar o meu cabelo, não se mostrou concentrada no que estava a fazer, não olhou com atenção e disse uma cor aleatória. Quando lhe pedi que tivesse mais atenta, reparou na cor e soube identifica-la mais ao encontro da realidade.</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Esta falta de concentração/atenção é algo que acontece frequentemente com esta criança, mas também com muitas outras crianças do grupo.</p> <p>Embora ache que a falta de atenção, neste caso, tenha sido propícia da agitação que se passava à volta, pois a sala estava cheia de pessoas, os familiares das crianças. Mesmo assim, este tipo de situações é contante com este grupo de crianças. O que me leva a pensar que estas crianças necessitam de estratégias e métodos diferenciados e organizados, para o desenvolvimento da capacidade de concentração.</p> <p>“Adoptar uma pedagogia organizada e estruturada não significa introduzir na educação pré-escolar certas práticas “tradicionais” sem sentido para as crianças, nem menosprezar o carácter lúdico de que se revestem muitas aprendizagens, pois o prazer de aprender o de dominar determinadas competências exige também esforço, concentração e investimento pessoal.” (Orientações Curriculares para a educação pré-escolar, 2007, p.18)</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de

Campo:

Situação: Conversa no tapete

3

Data: 20 de Março

Hora: 9h30

Local: Sala de Jardim de Infância, área do tapete

Intervenientes: Educadora e uma criança

Sexo do Observado: masculino

Idade do Observado: 5 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>A educadora Ana estava em conversa, no tapete, com todas as crianças. A conversa era a cerca das actividades que iam ser realizadas neste dia. Ao longo da conversa o E.(5,8), que estava sentado no chão, ao lado da cadeira da educadora, ia-se baloiçando para a frente e para trás. A educadora ao reparar nele deu-lhe um toque no ombro e disse-lhe para parar, pois na sala ninguém se pode abanar (...)</p> <p>Passado um pouco o E. estava a mexer nos sapatos e nas calças. A educadora voltou a dizer-lhe para estar quieto e tomar atenção ao que se estava a dizer. Mais à frente o E. estava outra vez, a mexer na sua roupa e a baloiçar-se. A educadora num tom mais exaltado disse-lhe para parar de uma vez por todas e ter atenção. Esta situação repetiu-se mais duas vezes, até que a educadora lhe disse que se não conseguia estar quieto ia para a “girafa” de castigo.</p> <p>A conversa acabou e as crianças saíram do tapete para iniciarem as actividades.</p>	<p>O E. costuma estar inquieto em todas as conversas de tapete.</p> <p>Quando a educadora lhe pediu que parasse, este parou por pouco tempo e voltou a estar inquieto.</p> <p>Por muitas vezes que a educadora lhe tenha dito para parar, o E. parece não conseguir estar no mesmo lugar por muito tempo. O que me leva a crer que tem algumas dificuldades em se concentrar ou tem muita energia para “gastar”.</p> <p>Quando a educadora menciona o castigo,</p>

	na girafa (régua de parede para medir a altura das crianças), que é o local para onde as crianças costumam ir de castigo, o E. parece fazer um esforço maior para se manter atento.
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Esta criança costuma ser muito inquieta, na minha opinião, porque precisa de “gastar” energia que dentro da sala não consegue, ou não lhe é permitido por causa das regras dentro de sala. Estas crianças não costumam ir muitas vezes ao recreio e fazem a hora de almoço no refeitório e de seguida na sala, a brincar nas áreas. Por isso acontece, em muitos casos, que estas crianças não se conseguem concentrar em momentos, dentro da sala, que exijam mais atenção. Pois, creio que precisavam de ir brincar num espaço aberto, onde pudessem correr e “gastar” energia para depois entrarem na sala e se poderem concentrar.</p> <p>Considero fundamental que as crianças tenham um tempo de brincadeira livre, no exterior, num espaço amplo, que lhes permita gastarem energia e não se concentrarem em nada, a não ser na brincadeira. Para que dentro de uma sala, sentados num tapete, a ouvir alguém a falar, consigam estar mais atentos e concentrados.</p> <p>“O recreio é uma área maravilhosa para as crianças (...) Quando estão no exterior, as crianças evidenciam diferentes capacidades daquelas que demonstram aquando no interior (...) É essencial para o crescimento e desenvolvimento das crianças pequenas que tenham tempo, em cada dia, para brincar num recreio exterior seguro.”</p> <p>(Hohmann & weikart, 1995, p.212)</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de

Campo:

Situação: Pintura de um prédio em caixa de cartão

8

Data: 11 de Abril

Hora: 10h30

Local: Sala de Jardim de Infância, área da pintura

Intervenientes: Duas crianças

Sexo do Observado: Feminino

Idade do Observado: 5 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Estavam três crianças a pintar, em simultâneo, uma caixa de cartão de 1,50 metros (prédio). Cada uma pintava um lado da caixa. Enquanto duas das crianças pintavam, olhando para o que estavam a fazer, a terceira criança, a Je. (5;7), estava com o pincel na mão, mas não estava a pintar. Estava a olhar para trás, para a área dos computadores, a ver as crianças que estavam a jogar nos computadores. A Ed. (5;10) que estava a pintar, reparou que a Je. não estava a fazer o que lhe havia sido pedido e disse-lhe: "Je. tens de pintar, não podes estar distraída, senão não consegues acabar de pintar." A Je. Olhou para a caixa e começou a pintar. Passados alguns minutos, estava a olhar para os computadores outra vez. A Ed. Voltou a dizer-lhe que tinha de pintar e que não podia estar distraída senão pintava por fora do sítio. A Je. voltou a olhar para a caixa e voltou a pintar, conversando com as crianças que estavam a pintar com ela. Passado mais uns minutos voltou a olhar para os jogos no computador. A Ed. olhou para a Je. e disse-lhe: "Assim não vais</p>	<p>A Je. distraiu-se facilmente, pois os computadores estavam com som e a caixa estava a ser pintada mesmo ao lado dos computadores.</p> <p>Quando a Ed. chama a atenção demonstra preocupação com a sua colega que não está a conseguir realizar a sua tarefa.</p> <p>A Je. tentou concentrar-se na sua tarefa, mas o som dos jogos de computador estavam a ser mais apelativos, fazendo com que não conseguisse estar atenta ao que estava a fazer.</p>

<p>brincar, não trabalhas.” E voltou a pintar, sem se dirigir mais à Je. A Je. olhou para a Ed. e continuou a olhar para os jogos, até que viu que as crianças que estavam com ela a pintar, já tinham acabado e iam brincar. Nesta altura começou a pintar muito rápido e acabou o seu trabalho num instante.</p>	<p>A Ed. tentou chamá-la a atenção várias vezes usando várias razões (não pode estar distraída senão não acaba o trabalho; não pode estar distraída senão pinta por fora; tem de trabalhar senão não vai brincar). O que demonstra que para além de esta criança estar atenta ao estava a fazer, também estava atenta e preocupada com o que a sua colega estava a fazer.</p> <p>Depois de algumas tentativas a Ed. desistiu e acabou o seu trabalho para poder ir brincar. Quando a Je. se apercebeu que estava sozinha a acabar a tarefa e que não podia ir brincar, como as suas colegas que já tinham acabado, começou a pintar tudo muito rápido para poder ir brincar também. O trabalho ficou mal executado, pois com a pressa pintou por fora, sem ter reparado o que tinha feito. Estava mais concentrada em ir brincar do que em estar atenta ao seu trabalho.</p>
--	--

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Esta situação, na minha opinião, pode ter acontecido por duas razões. Ou a criança estava tão desinteressada na tarefa que lhe tinha sido proposta e por isso não conseguiu ter motivação, nem atenção para a realizar. Ou estava a ter um excesso de estímulos exteriores que não a permitiram conseguir realizar a tarefa de forma concentrada ou atenta ao que estava a fazer. Os sons dos jogos dos computadores estavam a ser bastante perturbadores para aquela criança. Pois estavam a chamar a sua atenção, não permitindo que conseguisse realizar a sua tarefa. Para que se possa realizar uma tarefa com atenção e concentração, é necessário que haja um ambiente que assim o permita. Caso contrario, o nosso cérebro tem de fazer um esforço maior para canalizar a atenção só para a tarefa. Quando à nossa volta existe um excesso de estímulos, o cérebro tem mais dificuldade em focar a atenção num só objecto. Por isso, é necessário proporcionar um espaço e ambiente propício à concentração da criança.

“Contudo, é também do conhecimento geral que se assiste a um sobre diagnóstico, o que significa que muitas das crianças podem apenas ter algumas dificuldades que, com medidas educativas adequadas, são ultrapassadas. Desde que a qualidade de vida da criança esteja assegurada, essas medidas devem ser sobretudo ao nível do ambiente escolar e familiar. Antes de qualquer outra medida os pais e educadores devem questionar-se se não haverá alguma perturbação – no meio familiar ou escolar – que possa justificar essa alteração comportamental.

Ideias de **Alterações no Ambiente Escolar:**

– Dê apenas uma ordem ou tarefa de cada vez à criança; se a tarefa for

complexa subdivida-a e certifique-se de que a primeira parte foi cumprida antes de lhe explicar a seguinte.

- Elimine os estímulos distractores antes de falar com a criança: em casa baixe o som da televisão ou afaste o jogo que a criança está a fazer antes de falar com ela; na escola afaste-a dos colegas ou coloque-se de forma a que o seu corpo faça alguma “barreira visual”.
- Identifique sons do exterior que possam perturbar a criança.
- Promova a motivação da criança pela tarefa, mostrando grande entusiasmo e verbalizando que acredita nas capacidades da criança para a sua realização.
- Sente a criança numa área com poucos distractores, evitando toda a fonte de estimulação que não seja essencial. Procure um local da sala onde o seu campo de visão fique mais reduzido (não conseguir ver os colegas que estão a brincar nas construções, por exemplo) e coloque-a de forma a que possa ver sempre o adulto.”

Silva, F. S. Psicóloga (s.d.)

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de

Campo:

Situação: História em PowerPoint

9

Data: 12 de Abril

Hora: 9h30

Local: Sala de Jardim de Infância, área do tapete

Intervenientes: 17 crianças e uma professora do 1º ciclo, da Instituição

Sexo do Observado: Feminino e masculino

Idade do Observado: 4, 5 e 6 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>A Professora do 1º ciclo estava na sala do Jardim de Infância, pronta para contar uma história às crianças que já se encontravam sentadas no tapete. Projectou no quadro as imagens de uma história e pediu à auxiliar que apagasse a luz. As crianças acalmaram e olharam fixamente para a projecção de imagens. A Professora começou a contar a história e de vez em quando parava para comentar episódios da história. As crianças ao longo da história estavam todas atentas e em silêncio a ouvir a Professora e a ver as imagens a passar. A Professora ia colocando perguntas sobre a história e as crianças responderam sempre organizadamente e com atenção às respostas que davam.</p> <p>No decorrer desta actividade as crianças mantiveram-se sempre muito atentas à história e à professora. No entanto, quando a auxiliar voltou a acender as luzes da sala, as crianças começaram a ficar mais agitadas, menos atentas e iam comentando e respondendo de forma menos organizada e com alguma</p>	<p>Quando a Professora pediu à auxiliar que apagasse as luzes as crianças acalmaram. Por vezes baixar o nível da luz, ajuda as pessoas a ficarem mais calmas. No entanto acho que também tenha sido porque ajudou a criar alguma curiosidade, fazendo com que as crianças tivessem ficado mais calmas por estarem expectantes ao que ia acontecer.</p> <p>Ao longo da história, as crianças estiveram atentas e concentradas no que estavam a ouvir, pois estavam bastante interessadas na actividade. Conseguiram manter-se organizadas na forma como respondiam às respostas, ouvindo os outros e falando apenas quando lhes era dada a vez.</p> <p>Quando se acendeu a luz, a meio das perguntas, as crianças manifestaram-se imediatamente mais agitadas e por consequência, deixaram de mostrar tanto</p>

gozação. Destabilizaram a partir do momento em que as luzes se acenderam. De maneira que a Professora já não conseguiu continuar a actividade com tanta aderência por parte das crianças. A educadora teve de intervir algumas vezes e o ambiente deixou de ser tão estruturado.	interesse na actividade. Olhando mais para os lados, não ouvindo com atenção as perguntas que lhes eram feitas e conversando mais uns com os outros. O que demonstra que a luz fez toda a diferença nesta situação.
--	--

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

A actividade foi realizada de forma diferente daquilo a que estas crianças estão habituadas, isto contribuiu para que tivessem uma atitude e comportamento diferentes, fazendo com que tivesse mais atentas ao que ia acontecendo, pois sentiram-se mais motivadas a querer ver e ouvir o que se estava a passar, por ser uma novidade.

O que demonstra que a diversidade de actividades e espaços contribui bastante para as atitudes e comportamento das crianças, bem como para uma boa aprendizagem e capacidade de concentração e atenção.

A partir do momento em que a actividade se torna igual ao que estão habituados (sentados no tapete a ouvir o adulto, de luzes acesas) as crianças mostram algum desinteresse, pois é algo que já estão tão habituados, já não têm o mesmo interesse nem nada que os faça ficar curiosos ou estimulados. Segundo as Orientações Curriculares para a educação pré-escolar, (2007, p.50), "o educador deve diferenciar o processo de aprendizagem, propondo situações que sejam suficientemente interessantes e desafiadoras de modo a estimular a criança. De maneira que as actividades não sejam sempre no mesmo registo, para que as crianças não percam o interesse em querer fazer. Ou seja, o educador deve ter o cuidado de não desmotivar as crianças com actividades que sejam sempre iguais ou parecidas, deve ter em conta a alternância de actividades de forma a conseguir motivar as crianças, interessá-las e conseguir com que queiram fazer e saber. Pois só assim conseguiram aprendizagens significativas que lhes vão permitir o conhecimento e a aplicação do saber para o saber-fazer."

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de

Campo:

Situação: Desenho

10

Data: 23 de Abril

Hora: 9h30

Local: Sala de Jardim de Infância, mesas de trabalho

Intervenientes: 1 criança e estagiária

Sexo do Observado: masculino

Idade do Observado: 5 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O E.(5;8) estava numa das mesas de trabalho, a desenhar. Parou de desenhar e ficou a olhar para a mesa. Passados alguns minutos continuava sem desenhar, a olhar para a mesa e para os lápis. Fui ter com ele e perguntei-lhe porque não estava a desenhar. Disse-me que não sabia desenhar. Respondi-lhe que isso não era verdade, pois já tinha visto muitos desenhos dele que estavam muito bem desenhados. Respondeu-me que não queria desenhar e insisti para desenhar com calma, que eu ajudava-o e ficava ao seu lado. Começou a chorar dizendo que não sabia desenhar e que não queria. Tentei acalma-lo, abraçando-o e dizendo que não precisava de chorar que eu ajudava, que acabávamos os dois aquele trabalho. Disse-lhe, outra vez, que eu sabia que ele sabia desenhar muito bem e que o ajudava. Parou de chorar e disse-me que lhe pedem sempre para desenhar coisas que ele não sabe desenhar, nem quer desenhar. Disse-lhe que isso não era verdade, pois só pedíamos para desenhar o que ele sabe desenhar e que já mostrou noutros trabalhos que desenha muito</p>	<p>Quando o E. parou de trabalhar e ficou distraído com os lápis e com a mesa, eu percebi que estava farto de trabalhar e por isso fui ter com ele, para tentar motivá-lo, ou só tentar com que acabasse o trabalho para que pudesse ir trabalhar.</p> <p>Disse-me que não sabia desenhar para ver se conseguia não ter de trabalhar mais.</p> <p>Tentei fazê-lo ver que tinha capacidades e que eu sabia que ele conseguia, para que não se desmotivasse mais ainda.</p> <p>Quando percebeu que ia ter de desenhar de qualquer maneira, disse que não queria e começou a chorar, demonstrando frustração.</p> <p>Disse-lhe que o ajudava e que ficava com ele a acabar o trabalho e tentei encorajá-lo a querer acabar.</p> <p>Quando parou de chorar desabafou que está farto de trabalhar constantemente, utilizando o argumento de que mandam-no</p>

<p>bem, precisa é de estar concentrado no que está a fazer. Respondeu-me que sabia disso mas que queria ir brincar. Disse-lhe que podia ir brincar quando acabasse o desenho e que eu ajudava a acabar. Disse-me que nunca o deixavam ir brincar, que tem de estar sempre a trabalhar. Debruçou-se sobre a mesa e disse: “estou farto de trabalhos, nunca posso ir brincar”. Disse-lhe que acabávamos o desenho mais rápido se eu o ajudasse. Olhou para mim e disse: “está bem.”</p>	<p>fazer trabalhos que não sabe. Em conversa acabei por perceber que esta criança queria ir brincar com os colegas e que sente que nunca pode, sente que tem de estar sempre a trabalhar.</p>
---	---

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Esta criança, não está habituada a trabalhar, não tem muito ritmo de trabalho. E por isso acaba por ficar quase sempre ou a repetir trabalhos, porque quis fazê-los à pressa e se ficam mal realizados tem de os repetir, ou fica a fazer trabalhos durante mais tempo, porque está sempre distraído a ver as outras crianças brincar, porque já acabaram. Esta situação é complicada para a criança, pois o ambiente à sua volta não é muito propício para trabalhar. A criança vê as outras a brincar, acaba por não querer fazer mais nada a não ser brincar também. É difícil ter de trabalhar quando à volta estão todos a brincar e a falar alto nas suas brincadeiras, quando se ouve o som “aliciante” dos jogos de computador. A criança, que já está farta de trabalhar pois está a repetir um trabalho, já não quer mais nada senão ir brincar. Não pode ir brincar, mas tem de ficar a ver os outros brincar enquanto acaba o trabalho. É difícil exigir concentração desta criança, quando as condições e situação não são nada favoráveis para tal.

A capacidade para se concentrar numa tarefa varia de criança para criança, dependendo do seu estado mental, emocional e físico. Também as condições externas, como o espaço, a temperatura e o ruído podem influenciar na amplitude da concentração. É necessário que o ambiente envolvente seja tranquilo e ausente de barulhos ou outras distrações que possam perturbar e desviar a atenção da criança.

Dra. Catarina Leal (s.d.)

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de

Campo:

Situação: Lançamento de actividade

11

Data: 26 de Abril

Hora: 9h30

Local: Sala de Jardim de Infância, mesas de trabalho

Intervenientes: 1 criança e estagiária

Sexo do Observado: masculino

Idade do Observado: 5 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>As crianças estavam todas à volta das mesas de trabalho a ouvir o lançamento de uma actividade. O A.(5;10) encontrava-se, também à volta das mesas, mas a olhar para o chão, a brincar com as mangas da camisola. A educadora chamou-o e disse para ouvir o que se estava a dizer. O A. nem olhou para a educadora e continuou a brincar com as mangas e a falar sozinho, baixinho. Passado um pouco a educadora voltou a chamá-lo a atenção e o A. voltou a nem olhar para a educadora. Isto deu-se pela terceira vez. Até que o A. começou a distrair os colegas que estavam ao lado, fazendo-os olhar para a sua brincadeira. A educadora chamou-o a atenção dizendo que tinha de estar atento e parar de distrair os colegas e que se não ouvisse o que se estava a dizer, depois não ia saber o que tinha de fazer na actividade. O A. olhou para a educadora, olhou para o chão, suspirou e ficou quieto a olhar para a mesa. Passado pouco tempo voltou a distrair-se com as mangas. Quando a educadora voltou a chama-lo a atenção, este suspirou dizendo: "oohh". Olhou para</p>	<p>O A. estava desinteressado do que se estava a explicar, por isso nem olhava para a educadora, preferiu brincar com as mangas. Quando a educadora o chama para ter atenção, este nem olha para a educadora. Ou seja, não queria mesmo saber o que era para fazer.</p> <p>Entusiasma-se com a brincadeira e começa a chamar e distrair os seus colegas para brincarem com ele. Isto tudo num tom de voz baixo, para que a educadora não reparasse.</p> <p>Quando a educadora lhe disse que ele ia ficar penalizado, pois depois não ia saber o que era pretendido, não mostrou preocupação nenhuma, só mostrou que não queria estar ali.</p>

<p>o chão e baixinho disse: “não me apetece fazer isto”. E ficou quieto a olhar para a educadora.</p>	<p>Foi repreendido mais uma vez e quando percebeu que tinha mesmo de estar quieto a ouvir e não podia brincar, suspirou de frustração e falta de vontade.</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Esta criança não demonstrou interesse naquilo que se estava a dizer, talvez por ser o lançamento de uma actividade muito semelhante às actividades de sempre, por isso também não conseguiu manter-se atento. Pois se o que está a ser dito, ou o que se está a fazer é algo que não interessa à criança, a atenção para o assunto vai ser muito pouca ou nenhuma. Quando a criança suspira e diz que não lhe apetece fazer aquilo, mostra que está farto de estar a ouvir algo que não lhe está a suscitar interesse nenhum.</p> <p>A atenção é um fenómeno que implica esforço. Por isso é tão difícil mantê-la, quando o interesse é reduzido. Para muitas crianças a escola é uma 'seca', porque os temas que são abordados nas aulas não têm qualquer tipo de afinidade com as suas experiências de vida. Estar a mexer no material escolar ou a olhar para o recreio pode ser bem mais interessante (...)</p> <p style="text-align: right;">Adriana Campos (s.d.)</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de

Campo:

Situação: Visita de estudo

12

Data: 27 de Abril

Hora: 9h30

Local: Museu de S. Roque

Intervenientes: 1 criança e estagiária

Sexo do Observado: feminino

Idade do Observado: 5 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Enquanto o monitor do museu explicava a história de alguns quadros através de uma história lúdica, as crianças olhavam atentamente e tentavam procurar o que o monitor lhes pedia para procurarem. A L. (5;11) olhava para o lado oposto, olhava para o chão, para a sua roupa e para os turistas que iam passando pelo museu. A educadora chamou-a dizendo para estar atenta ao que monitor explicava. A L. voltou a olhar para os turistas e para as pessoas que estavam no museu. Voltou a ser chamada pela educadora que lhe disse, outra vez, para estar atenta. Olhou para a educadora, olhou para mim e voltou a olhar para as pessoas que estavam a passar no museu. Durante o resto da visita esteve sempre a olhar para as pessoas que passavam perto de si, quase nunca olhou ou mostrou que estava atenta ao que o monitor explicava.</p>	<p>A L. não estava a tenta ao que o monitor estava a explicar às crianças, estava mais atenta às pessoas que estavam à sua volta.</p> <p>Quando foi chamada a atenção, olhou para a educadora, mas passado pouco tempo voltou a distrair-se com as pessoas e com o que se passava à volta, não olhando para o monitor, nem ouvindo nada do que este estava a dizer.</p> <p>Acabou a visita sem ter ouvido quase nada</p>

	do que foi explicado, pis esteve mais atenta às pessoas à sua volta que passeavam pelo museu.
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Esta situação demonstra que a criança não conseguiu manter-se atenta ao que lhe estava a ser pedido, nem mesmo quando a educadora lhe pediu para estar atenta. A criança não conseguiu manter-se atenta mais que 2 minutos consecutivos. Não afirmo que esta situação se tenha dado por falta de interesse, pois não me parece que tenha sido o caso. Penso que a criança não se conseguiu manter atenta, apenas por não conseguir abstrair-se das pessoas que passeavam à sua volta.</p> <p>Segundo Scharfetter (2002, p.144)</p> <p>A captação da nossa atenção pode ser feita de maneira voluntária ou involuntária. Isto acontece, pois, a nossa atenção pode ser desviada para um estímulo exterior sem que tenha sido essa a nossa vontade, mas pelas características desse estímulo em particular. Por exemplo estímulos muito fortes, ou com intervalos regulares de intensidade têm tendência para captar a nossa atenção e desvia-la do nosso objecto desejado de focalização. Falamos assim de uma <i>atenção voluntária</i>, se o sujeito focar activamente a sua atenção num evento externo ou interno, e numa <i>atenção involuntária</i>, quando o acontecimento atrai a atenção do sujeito sem o seu esforço consciente.</p> <p>Neste caso penso que tenha sido isto o que aconteceu com esta criança. Não se conseguiu controlar perante os estímulos exteriores, tendo acabado por se deixar atrair por estes.</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de

Campo:

Situação: Conversa no tapete

13

Data: 30 de Abril

Hora: 9h15

Local: Sala de Jardim de Infância, no tapete

Intervenientes: 1 criança e estagiária

Sexo do Observado: feminino

Idade do Observado: 4 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>As crianças estavam todas sentadas no tapete. Comecei a conversa explicando o que íamos realizar ao longo do dia. Enquanto explicava as actividades preparadas para este dia, uma das crianças perguntou-me se iam ao recreio. Disse que em principio e se tudo corresse bem, sim, iam ao recreio. Continuei a conversa e reparei que a Ly. (4;10) estava com a cabeça apoiada na mão a olhar para o chão. Perguntei-lhe se estava com sono e se tinha dormido bem. Respondeu-me que tinha dormido e que não estava com sono. Prossegui com a conversa e a Ly. continuava a olhar para o chão. Subtilmente perguntei à Ly. se tinha percebido o que era para fazer. Respondeu-me que sim. Pedi-lhe que explicasse para quem não tinha ouvido e não me soube responder. Olhou para mim e disse que não sabia. Disse-lhe que tinha de estar atenta e voltei a repetir as tarefas. No final a Ly. disse: “não me apetece nada fazer trabalhos hoje, estou farta. Só quero brincar no recreio hoje.”. Disse-lhe que iam ao recreio mais tarde e</p>	<p>A criança, ao perguntar-me se iam ao recreio, demonstrou logo um desejo grande de ir brincar, fazendo-me pensar que trabalhar não estava a interessar as crianças.</p> <p>A Ly. mostrou-se desatenta, quando lhe perguntei se era sono respondeu-me que não. Não fiquei convencida da sua resposta, mas prossegui.</p> <p>Voltei a dirigir-me à Ly. para confirmar que não estava atenta.</p> <p>Confirmou-me ter ouvido tudo, no entanto quando lhe pedi que reproduzisse o que era para fazer, não sabia, pois não tinha ouvido.</p>

comecei a distribuir as tarefas.	A Ly. demonstrou estar desatenta, pois não estava interessada em trabalhar, só queria ir brincar para o recreio.
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>A Ly. deixou bem claro que só queria ir ao recreio e que não lhe apetecia trabalhar, só queria brincar neste dia. É uma criança que, normalmente, gosta de trabalhar e trabalha bem, com atenção ao que faz e de forma cuidada. O que me faz pensar que se esta criança que costuma gostar de trabalhar, não quis trabalhar, foi porque realmente está a precisar de brincar! Estas crianças, na minha opinião, brincam pouco para a idade que têm. Acho que precisavam de mais tempo de brincadeira livre e ao ar livre. A falta de atenção que teve é resultado da falta de interesse com que estava para estar ali. Esta criança preferia estar a brincar do que estar dentro da sala a ouvir qual os próximos trabalhos a realizar. Depois de ter ouvido falar em recreio, quando uma das crianças perguntou por este, a Ly. focou-se apenas no recreio. A partir daí, não queria saber de mais nada senão ir brincar para o recreio.</p> <p>Segundo Mário Cordeiro (2012), no que se refere às características das fases de desenvolvimento, as crianças de 4 e 5 anos, começam a entrar num mundo mais autónomo, em que os adultos devem encaminhar a criança a concentrar-se durante algum período de tempo numa actividade para que aprenda a educar a sua atenção, de forma a exercitar a concentração e a atenção. No entanto, não se deve pôr de lado a importância da brincadeira e a necessidade desta, com crianças de 4 e 5 anos. Pois é a partir da brincadeira que a criança constrói o seu mundo e se organiza.</p> <p>“O brinquedo é oportunidade de desenvolvimento. Brincando, a criança experimenta, descobre, inventa, aprende e confere habilidades. Além de estimular a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração e atenção.”</p> <p style="text-align: right;">Souza, M. R. (2008)</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de

Campo:

Situação: Aula de Psicomotricidade

14

Data: 2 de Maio

Hora: 9h50

Local: Ginásio da Instituição

Intervenientes: 18 crianças e estagiária

Sexo do Observado: feminino e masculino

Idade do Observado: 4, 5 e 6 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Estávamos no ginásio e eu pedi a todas as crianças que se encostassem à parede do fundo. Foram todos a correr e encostaram-se parados e calados a olhar para mim. Em conversa, sobre o que o nosso corpo precisa para se manter saudável, fui pedindo que levantassem o braço esquerdo, o direito, a perna direita e a esquerda, entre outros. As crianças fizeram sempre o que eu lhes ia pedindo, de forma organizada e ordeira.</p> <p>De seguida pedi-lhes que fossem buscar um arco e que se colocassem no lado direito do arco. Entre muitas tarefas que fui pedindo que fizessem, realizaram-nas sempre organizadamente e aderiram a todas as propostas mostrando algum entusiasmo.</p> <p>No final perguntei se tinham gostado da aula de ginástica. Responderam em coro e em voz alta: “sim!”. Perguntei-lhes porque é que tinham gostado e algumas crianças foram respondendo, falando quase todos ao mesmo tempo: “porque foi a Teresa que deu a aula”, “porque eu</p>	<p>Mal lhes pedi que realizassem uma tarefa, realizaram-na instantaneamente e ficaram expectantes a olhar para a mim à espera da próxima tarefa a fazer.</p> <p>Realizaram todas as tarefas que lhes estava a pedir, sem interrupções, sem falarem alto, com muita atenção ao que lhes pedia e sempre organizados.</p>

gosto de vir ao ginásio”, “porque eu gosto de fazer as tarefas da ginástica”.	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Pelas respostas que as crianças deram no final da aula, percebi que o facto de ter sido uma novidade, ser eu a dar a aula de ginástica e ainda, por ter sido no ginásio, que é um espaço em que podem correr e têm espaço livre de movimentação, fez com que as crianças aderissem à actividade de forma organizada e todos com muita atenção e concentração. Ou seja, o facto de ser uma novidade e um local que lhes oferece espaço, é algo estimulante e por isso as crianças aderem facilmente. Pois o interesse é algo que ajuda bastante a concentração. As crianças que estão interessadas querem fazer e mostrar que conseguem fazer. Segundo Góis,(2005):</p> <p>“As estratégias para o desenvolvimento da concentração passam pela realização de actividades sensoriais, auditivas, visuais e motoras que podem ser desenvolvidas e incluem técnicas de visualização, relaxação, memorização que podem ser realizadas através de jogos de aprendizagem”.</p> <p>Ou seja, a melhor forma de garantir um bom desenvolvimento da concentração é a partir de actividades sensoriais que cativem a criança, de forma a querer fazer.</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de

Campo:

Situação: desenho do retrato da Mãe

15

Data: 3 de Maio

Hora: 10h50

Local: Sala do Jardim de Infância, mesas de trabalho

Intervenientes: 1 criança e estagiária

Sexo do Observado: masculino

Idade do Observado: 5 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O D. (6;4) estava a desenhar o retrato da mãe, para oferecer como presente no Dia da Mãe. Reparei que estava a desenhar rapidamente e sem cuidado. Fui ter com ele e perguntei-lhe se estava a desenhar o cabelo. Respondeu-me que sim e continuou a desenhar, mais devagar. Perguntei-lhe o que é que faltava na cara da mãe, respondeu-me que era o nariz e desenhou-o. Passando um pouco de estar com ele a vê-lo desenhar, disse-me que não sabia desenhar muito bem e que normalmente os seus desenhos ficavam mal feitos. Respondi-lhe que já tinha visto os seus trabalhos e os que ficam menos bem, são aqueles que desenha “à pressa” para poder ir brincar. Expliquei-lhe que quando faz as tarefas com atenção e quando se concentra no que está a fazer o resultado dos seus desenhos e tarefas é ótimo. Olhou para mim, sorriu e perguntou: “A sério?”. Respondi-lhe que sim e que gostava muito dos desenhos que fazia, quando estava concentrado no que fazia. Olhou para mim e disse: “eu estou concentrado neste trabalho, queres ver? Este vai ficar muito bom.” Respondi</p>	<p>Notava-se que estava a desenhar depressa para poder ir brincar com os colegas que já tinham acabado e estavam a brincar.</p> <p>Quando me viu perto dele a observá-lo, parou de olhar para as brincadeiras dos colegas e mostrou-me que estava a trabalhar.</p> <p>Quando me disse que não sabia desenhar, percebi que estava com pouca confiança nas suas capacidades.</p> <p>Tentei dar-lhe alguma auto-estima dizendo que sabia que desenhava muito bem, aproveitei para lhe dizer que para isso tinha de estar concentrado e com atenção ao que estava a fazer.</p>

<p>que sim e que queria muito ver como ia ficar este trabalho.</p>	<p>Sentiu-se capaz, depois de lhe dizer que desenhava bem, e quis mostrar-me que sabia e conseguia desenhar bem.</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Nesta situação, pareceu-me que a criança precisava de motivação extrínseca para poder realizar a tarefa de forma concentrada.</p> <p>Segundo Neto, A. C. S. (2004), “(...)a criança que pouco percebe as suas competências, necessita de maior estímulo externo, possui baixa auto-estima e demonstra-se ansiosa, e ainda, enxerga pouca perspectiva de melhora em suas habilidades. O segredo está em conseguir conciliar o desenvolvimento da motivação intrínseca da criança (pela autopercepção dos avanços obtidos e o processo necessário), com o apoio da motivação extrínseca ou externa (avaliação dos adultos, informações a respeito, elogios verdadeiros, etc). Este tipo de desenvolvimento requer acompanhamento, contato e participação. Os afetos devem estar presentes, uma vez que são fonte fundamental de motivação, além das informações que se fazem presentes em cada situação. Boa dose de paciência e vontade complementam o arsenal de instrumentos necessários ao adulto para que colabore quanto ao desenvolvimento motivacional da criança.”</p> <p>Foi preciso dar algum estímulo externo para que a criança se senti-se capaz (motivação intrínseca) de realizar a tarefa que lhe tinha sido pedida, de forma concentrada. Pois a criança estava-se a sentir pouco motivada e assim não conseguia, nem queria concentrar-se na actividade.</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de

Campo:

Situação: Cópia no computador

16

Data: 7 de Maio

Hora: 14h15

Local: Sala do Jardim de Infância, no computador

Intervenientes: 1 criança

Sexo do Observado: masculino

Idade do Observado: 6 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
O L. (6;9) estava no computador a copiar o seu nome completo. Ia copiando letra a letra, muito devagar e muito atento ao que estava a fazer. Demorou muito tempo à procura de cada letra. Enquanto ia procurando as letras, falava para si próprio dizendo: “onde é que está o “r”, hum, ah, já encontrei! Agora o “o” onde é que ele está...” Passado algum tempo, parou a olhar para o computador, começou a olhar à sua volta e não viu nenhum adulto ali perto, disse para si próprio: “ninguém me ajuda”. Parou a olhar para o computador, voltou a olhar à sua volta e ficou a olhar para o ecrã do computador. Passados 2 minutos levantou-se e foi brincar com os seus colegas que estavam nas áreas da sala.	<p>A educadora escreveu o nome da criança, no computador, com letras grandes e ele tinha de copiar as letras do seu nome por baixo das que já lá estavam, para que aprendesse a mexer no teclado do computador.</p> <p>Notou-se que a criança fez um esforço muito grande para se concentrar na sua tarefa.</p> <p>Mas mal se deparou com uma dificuldade e não viu ninguém para o ajudar, desistiu. Será que desistiu por se deparar com uma dificuldade, ou apenas porque queria ir brincar com os seus colegas e achou uma altura oportuna?</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Segundo Antunes, N. L. (2009, p.174) “é evidente que se a criança tem facilidade em se distrair, a sala de aula ou estudo deve estar ausente de factores de alheamento

como televisores, telemóveis ou brinquedos. Por outro lado, os principais factores de desatenção na sala de aula são os próprios colegas, pelo que a procura do melhor lugar para sentar a criança (...) é crucial.”

Ou seja, neste caso, a criança deveria ter estado mais isolada, para não assistir às brincadeiras dos colegas e para conseguir atingir o nível de concentração necessário e exigido para esta tarefa.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de

Campo:

Situação: Registo desenhado

17

Data: 8 de Maio

Hora: 11h20

Local: Sala do Jardim de Infância, nas mesas de trabalho

Intervenientes: 1 criança e estagiária

Sexo do Observado: feminino

Idade do Observado: 5 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>A E. (5;10) estava a desenhar o registo dos casulos dos Bichos-da-seda. Já todos tinham acabado, era a única a ter de acabar o trabalho. Eu estava ao seu lado para a ajudar a acabara e para ir dizendo que não podia demorar muito mais tempo, pois estava quase na hora do almoço. Enquanto ia desenhando, ia falando comigo sobre desenhos animados e o canal Panda. Quando falava e pintava ao mesmo tempo, eu respondia-lhe e ia conversando com ela. Quando parava e ficava a falar eu parava a conversa e dizia que tinha de acabar o trabalho, que podia conversar se conseguisse trabalhar ao mesmo tempo, mas que se não conseguia trabalhar enquanto falava então não podia conversar comigo. Continuou a trabalhar enquanto conversava. De vez em quando interrompia o trabalho e eu repetia que não podia demorar, nem interromper tantas vezes para conversar. No meio das pausas que fazia para falar ia olhando para os colegas que estavam no tapete. Disse-lhe mais uma vez que tinha de trabalhar. Pintou metade do trabalho e disse-me que já estava acabado. Disse-</p>	<p>A E. esteve a manhã toda a trabalhar sem brincar, nem uns minutos.</p> <p>Eu estava ao lado desta criança para a ajudar a concentrar-se no trabalho e para tentar que não ficasse com o trabalho por fazer.</p> <p>A E. viu uma oportunidade de conversar comigo e aproveitou para ir parando o trabalho enquanto conversava comigo.</p> <p>Tentei explicar-lhe que se ela conseguisse conjugar a conversa com o trabalho, podia fazê-lo, caso contrário, não podia parar o trabalho para estar na conversa.</p>

<p>lhe que tinha de pintar até ao fim para acabar e respondeu-me: “oh, não quero, estou cansada de pintar”. Disse-lhe que estava quase a acabar, depois descansava na hora do almoço a brincar com os amigos. Respondeu-me: “está bem.”</p>	<p>Já estava farta de pintar e quis despachar o trabalho, então disse-me que já tinha acabado.</p> <p>Quando percebeu que tinha de acabar o trabalho referiu que já estava cansada de trabalhar. Tentei compreendê-la, mas tenho de cumprir as regras e fazer com que a criança acabe o trabalho.</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Esta criança estava cansada de trabalhar e, na minha opinião, estava também, saturada do mesmo tipo de actividade. Volto a referir as Orientações Curriculares para a educação pré-escolar (2007, p.50) “O educador deve diferenciar o processo de aprendizagem, propondo situações que sejam suficientemente interessantes e desafiadoras de modo a estimular a criança. De maneira que as actividades não sejam sempre no mesmo registo, para que as crianças não percam o interesse em querer fazer. Ou seja, o educador deve ter o cuidado de não desmotivar as crianças com actividades que sejam sempre iguais ou parecidas, deve ter em conta a alternância de actividades de forma a conseguir motivar as crianças, interessá-las e conseguir com que queiram fazer e saber. Pois só assim conseguiram aprendizagens significativas que lhes vão permitir o conhecimento e a aplicação do saber para o saber-fazer.”</p> <p>Se a criança não se sente estimulada e interessada, não vai conseguir estar concentrada na tarefa/actividade, nem se vai sentir motivada para realizar aprendizagens.</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de

Campo:

Situação: Visionamento de desenhos animados

18

Data: 9 de Maio

Hora: 14h15h

Local: Sala do Jardim de Infância, no computador

Intervenientes: 19 crianças, educadora, estagiária

Sexo do Observado: masculino e feminino

Idade do Observado: 4, 5 e 6 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
As crianças estavam todas sentadas no chão para ver um episódio de uns desenhos animados, no computador. A educadora disse-lhes que só viam os desenhos animados se estivessem calados e que se fizessem barulho acabavam-se logo os desenhos animados e iam trabalhar. O filme começou e as crianças, todas, cantaram a música do início dos desenhos animados. Quando o episódio começou, calaram-se todos e ficaram atentos a olhar para o ecrã do computador. Ao longo do filme, algumas crianças foram comentando o episódio e sempre que o faziam, as restantes crianças mandavam calar para poderem ouvir as falas. No final a educadora perguntou se queriam ver mais um e todos responderam em coro, ao mesmo tempo: "sim!".	<p>A educadora deixou-os ver um episódio destes desenhos animados porque tinham estado a manhã toda a cantar a música destes. Avisou-os que se houvesse barulho não viam mais desenhos animados, para que as crianças ficassem em silêncio.</p> <p>Todas as crianças conheciam estes desenhos animados e aparentemente gostam bastante, como se viu pelo entusiasmo quando cantaram e pelo silêncio e concentração com os desenhos animados, ao longo de todo o episódio.</p> <p>Gostaram tanto de ver desenhos animados dentro da sala da escola que queriam ver mais.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Estas crianças, por terem dificuldades de concentração, têm dificuldade em canalizar

as suas energias para objectivos que lhes são propostos. O visionamento deste filme, funcionou como estratégia para as crianças canalizarem a sua atenção num objectivo que os cativa: os desenhos animados. E de facto resultou. Faz toda a diferença quando a criança está interessada no objectivo, pois consegue canalizar a sua atenção para o que lhe está a interessar. Voltando a referir, mais uma vez, as Orientações Curriculares para a educação pré-escolar (2007, p.50),” o educador deve ter o cuidado de não desmotivar as crianças com actividades que sejam sempre iguais ou parecidas, deve ter em conta a alternância de actividades de forma a conseguir motivar as crianças, interessá-las e conseguir com que queiram fazer e saber.”

Ou seja, a alternância do tipo de actividades ajuda a motivar as crianças, que consequentemente se conseguem concentrar com mais atenção.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de

Campo:

Situação: Desenho

19

Data: 11 de Maio

Hora: 11h10h

Local: Sala do Jardim de Infância, nas mesas de trabalho

Intervenientes: 1 criança, estagiária

Sexo do Observado: masculino

Idade do Observado: 6 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O D. (6;5) estava a acabar um desenho na mesa. Olhou à sua volta, saiu da mesa e foi para o tapete brincar com os jogos de chão, com alguns colegas que estavam ali a brincar. Fui ter com ele e disse-lhe que tinha de ir acabar o trabalho antes de ir brincar. Disse também, que só lhe faltava copiar a data e o nome e depois podia voltar para a brincadeira. Respondeu-me que não conseguia escrever a data. Disse-lhe que o ajudava e que ficava ao seu lado enquanto escrevia, para se precisasse de mim. Respondeu-me que primeiro tinha de acabar a brincadeira e só depois é que podia ir trabalhar. Disse-lhe que não é assim que funciona na escola e que ele sabe disso. Primeiro trabalhasse, depois brincasse. Pedi-lhe que se levantasse que eu ia ajudá-lo a acabar o trabalho e que depois vinha logo brincar. Respondeu: “Está bem, mas ajuda-me que eu não sei fazer, nem consigo pensar bem agora porque tenho de pensar na brincadeira que estou a fazer com a J.”</p>	<p>Quando olhou a volta, reparou que ninguém o estava a ver, por isso aproveitou para se ir embora sem acabar o trabalho. Ou seja, mostrou ter consciência de que estava a deixar o trabalho por acabar, quando “fugiu”.</p> <p>Diz-me que não consegue escrever a data, no entanto já a escreveu várias vezes comigo ao seu lado. Por isso ou não se lembra que eu sei que ele sabe escrever, ou acha que me consegue convencer de que não a sabe escrever.</p> <p>Tenta resolver a sua situação, invertendo aquilo que lhe disse. O que a mim me parece uma boa tentativa de estratégia.</p> <p>Aceitou ir acabar o trabalho, desde que eu</p>

	o ajudasse, no entanto, nesta situação mostra bem a falta de motivação para o trabalho. Acaba por dizer que não consegue pensar bem, porque está a pensar na brincadeira que tem por acabar. Ou seja, não se irá conseguir concentrar no trabalho.
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Mais uma vez, aqui nota-se a importância do ambiente envolvente para a concentração numa tarefa. Esta criança não se conseguiu concentrar na sua tarefa, nem teve interesse nela, pois estava mais interessado em ir brincar com os colegas que se encontravam ao seu lado numa brincadeira. Esta criança estava a ser distraída pelos colegas, pois estavam num ambiente de brincadeira, que lhe era bastante mais aliciante do que a tarefa que lhe foi proposta. Referindo de novo Antunes, N. L. (2009, p.174) “(...) os principais factores de desatenção na sala de aula são os próprios colegas(...)”.</p> <p>Ou seja, para que se pudesse exigir concentração a esta criança era necessário isolá-la do ambiente de brincadeira dos seus colegas.</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de

Campo:

Situação: Lançamento de actividade (registo da visita de estudo)

20

Data: 14 de Maio

Hora: 14h10h

Local: Sala do Jardim de Infância, nas mesas de trabalho

Intervenientes: 3 crianças, educadora

Sexo do Observado: masculino e feminino

Idade do Observado: 5 e 6 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
Enquanto a educadora explicava que tinham de pintar bem na actividade que iam fazer, o E. (5;8), que se encontrava a olhar para o lado, disse em voz alta, que não sabia desenhar aqueles quadros. O A.(5,10) e a J. (5;11) respondem, também em voz alta, que ele sabe desenhar. O A. diz: “tu no outro dia fizeste um desenho de um quadro e soubeste. Ficou muito bem.”. a J. disse: “Pois, tu não queres é fazer, mas sabes fazer que nós já vimos muitas vezes.”. O A. volta a dizer: “Pois é. Oh Ana ele sabe que nós já vimos.” A Educadora responde-lhes que sabe disso, pois também já viu os seus trabalhos, mas que o E. é muito preguiçoso, nunca quer fazer nada. O E. diz à J. e ao A. para estarem calados dizendo: “shiu”. De seguida diz, baixinho: “oh, não quero fazer mais desenhos, sempre, sempre, eu faço desenhos.”	O E. costuma utilizar esta estratégia, de dizer que não sabe, para tentar não trabalhar. Mas nesta situação pareceu-me mais do que isso. Reparei que tanto esta criança como mais algumas não estavam com vontade, nem motivação para realizar esta tarefa. Embora duas das crianças, as que o denunciaram, estivessem a tentar motivá-lo, também já tinham comentado que não lhes apetecia fazer este trabalho. O que me leva a pensar que se calhar, desta vez, o E. teve alguma razão ao dizer que está sempre a desenhar. Estas crianças passam muito tempo a desenhar e trabalhar e pouco a brincar.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Para além da falta de alternância de actividades, neste caso, também é importante referir que estas crianças sentem falta de brincar. Como refere nas Orientações Curriculares para a educação pré-escolar (2007, p.50) “(...)De maneira que as

actividades não sejam sempre no mesmo registo, para que as crianças não percam o interesse em querer fazer. Ou seja, o educador deve ter o cuidado de não desmotivar as crianças com actividades que sejam sempre iguais ou parecidas, deve ter em conta a alternância de actividades de forma a conseguir motivar as crianças, interessá-las e conseguir com que queiram fazer e saber.” Esta falta de interesse derivou da falta de alternância de actividades, mas também da falta de tempo de brincadeira. E segundo Souza, M. R. (2008) “O brinquedo é oportunidade de desenvolvimento. Brincando, a criança experimenta, descobre, inventa, aprende e confere habilidades. Além de estimular a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração e atenção.” Por isso é muito importante proporcionar tempo de brincadeira às crianças, de maneira a que consigam desenvolver a sua concentração e atenção de forma autónoma, lúdica e a partir de experiências que lhe permitam realizar aprendizagens activas. Sendo a criança a autora da sua própria aprendizagem.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de

Campo:

Situação: Pintura livre

21

Data: 22 de Maio

Hora: 13h00h

Local: Sala do Jardim de Infância, nas mesas de trabalho

Intervenientes: 1 criança, estagiária

Sexo do Observado: feminino

Idade do Observado: 5 anos

Outros indicadores de Contexto: Hora de almoço

Descrição	Inferência
<p>A Ed. (5;7) estava a pintar conversava comigo. As restantes crianças estavam a brincar nas áreas. Passado um tempo a Ed. deixou de pintar e ficou a olhar para as brincadeiras das crianças. Perguntei-lhe se queria ir brincar e acabava a pintura depois. Respondeu-me que não, que queria acabara a sua pintura. Disse-lhe que estava na hora do almoço, por isso podia aproveitar para ir brincar e depois acabava a pintura. Respondeu-me que preferia ficar a pintar porque gostava muito de pintar. Continuou a pintar e a conversar comigo, mas ao longo da pintura, de vez em quando ia parando. Perguntei-lhe mais uma vez se não queria brincar e respondeu-me: "Não, eu queria acabar a minha pintura, mas eles estão a fazer muito barulho, não me consigo lembrar das cores que quero pintar".</p>	<p>Esta criança preferiu pintar na sua hora de almoço, em vez de ir brincar.</p> <p>Quando começou a parar a pintura para olhar para as crianças que brincavam, achei que queria ir brincar também.</p> <p>Mas respondeu-me que queria pintar, deixei-a, pois estava na hora do almoço em que podia ir brincar onde quisesse, incluindo a pintura.</p> <p>Percebi que afinal estava a tentar concentrar-se e abstrair-se do barulho que estavam a fazer, para tentar acabar a sua pintura. A Ed. queria acabar o seu trabalho, mas estava com dificuldades em concentrar-se com tanto barulho.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Mais uma vez, quero referir a importância do ambiente envolvente para a concentração numa tarefa. Esta criança não se conseguiu concentrar na sua tarefa, embora mostrasse interesse nela, pois estava demasiado desconcentrada com as brincadeiras dos seus colegas. Embora quisesse realizar a sua tarefa, estava a receber demasiados estímulos exteriores e não se estava a conseguir abstrair destes.

Referindo de novo Dra. Catarina Leal (s.d.) “(...) Também as condições externas, como o espaço, a temperatura e o ruído podem influenciar na amplitude da concentração. É necessário que o ambiente envolvente seja tranquilo e ausente de barulhos ou outras distrações que possam perturbar e desviar a atenção da criança.”

Sinto que estas crianças, para além de precisarem de mais tempo de recreio, necessitam de espaços propícios aos tempos de trabalho.